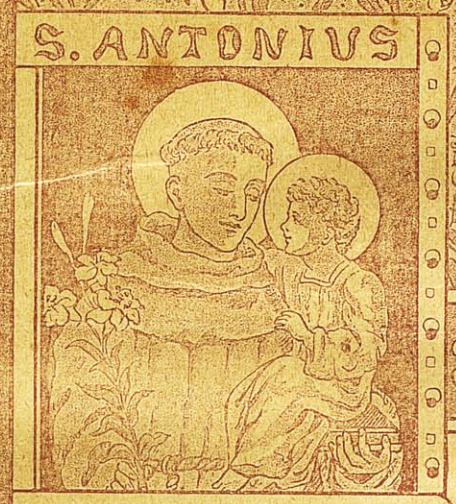


1.º ANNO — 1895
NOVEMBRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII e por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
... DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1895

apoleão catechista. — Qual é o melhor li-
merecida. — O epitaphio de Franklin. —
n. — Contra factos não ha argumentos. —
ito a proposito. — Fraternidade e egual-
e o dia 20 de setembro. — Correspon-
ia União.

. — Os presidentes das duas republi-
Domingos pediram ao Santo Padre,
sse ser o arbitro na delimitação das
publicas. Ahi está um bello meio de
muitas vidas, muito dinheiro, mui-
imos crimes. Quando conhecerão as
a paz internacional, que habita den-
a?

a. — O arcebispo de F. encontrava-se
fóra com o fim de restabelecer a sua

rto dia para ir confessar uma enfer-
ore general. Partiu immediatamente,
om que se expressava a moribunda,
ôde o arcebispo conter as lagrimas.
a instrucção religiosa, perguntou-lhe

spondeu ella, depois de Deus, devo
o imperador Napoleão. Vivia eu, com
a de Santa Helena. Tinha dez annos,
sse o imperador: — E's joven, minha
rigos que te esperam no mundo; e,
não fortificares com a religião? Teu
m; tomarei eu, pois, sobre mim o de-
sa.
ias ter comigo, que desde âmanhã
s lições». Por dous annos continuos
r semana, ao catechismo que me en-
ogo que cheguei á edade de doze an-
gora, minha filha, estás sufficiente-
ecessario que te prepares para a pri-
ou pedir de França um sacerdote,
ra tão grande acto e a mim para a

ipriu a sua palavra. Antes de morrer,
o Sagrado Viatico e a Extrema Un-
simo, disse elle ao general Manthulon.
que quando morrer tenha a mesma
throno, deixei de practicar a reli-
riva os homens da razão; mas a fé,
re: causava-me prazer o som dos si-
erdote, sentia me commovido. Ten-
o, mas seria fraqueza, e quero dar

vro? — A esta pergunta dá uma res-
ração, Diderot. Foi elle um dos pri-
hilosophia impia do seculo passado.
ninguem a educação de sua filha
annos; elle mesmo tomou sobre si
o-lhe o catechismo.
derot, certa occasião, deu com elle a
sua filha
dizer, exclamou elle, então tu ensi-
a filha? Estás em teu juizo perfeito?
com seus amigos queria ser impio,
ça de sua filha, franziu o sobr'olho,
dade: «Se conhecesse melhor livros,
uma menina respeitosa e terna, boa
familia, ensinar-lh'o-ia; em verdade,
no mundo livro que tudo isto possa
o; oxalá que, para a felicidade d'ella
pratique tudo o que elle ensina!»

cida — O general francez Arnoux, de-
ermos muito honrosos de Mme. Poi-
a nos Invalidos de Paris; e, depois
s muitos serviços que por espaço de
53 annos prestou aos enfermos, condecorou-a solemnemente com uma medalha de ouro. Ao menos, em França reconhecem os grandes sacrificios das irmãs hospitaleiras.

O epitaphio de Franklin. — Este celebre naturalista e astronomo americano, havia feito muito antes da sua morte o seu epitaphio, no anno de 1728, quando ainda era impressor. Eil-o, que nos póde servir de meditação:

O CORPO
DE
BENJAMIM FRANKLIN,
IMPRESSOR,
SEMELHANTE Á CAPA DE UM LIVRO VELHO
SEM CONTHEUDO,
SEM TITULO NEM DOURADURAS,
REPOUSA AQUI, PASTO DE VERMES,
MAS
A OBRA NÃO CHEGARÁ A PERDER-SE,
PORQUE ESSA É A CRENÇA D'ELLE,
REAPPARECERÁ,
EM NOVA E MAIS ELEGANTE EDIÇÃO,
REVISTA E CORRECTA
PELO
AUCTOR

Nova egreja em Berlim. — Na capital do imperio allemão acaba de ser sagrada uma nova egreja, dedicada ao apostolo e evangelista S. Matheus. Foi sagrada pelo Em.mo Cardeal Kopp, bispo-principe de Breslau.

Contra factos não ha argumentos. — A inutilidade dos religiosos, é o estribilho que em todos os tons cantam os inimigos da Egreja. Ahi vão factos: — *Na Colombia*: N'esta republica teem os religiosos franciscanos prestado relevantes serviços á evangelisação, no pulpito e no confissionario; dando exercicios espirituaes e missões, catechisando os selvagens, educando creanças, levantando egrejas, fabricando pontes, e trabalhando pelo temporal e espiritual d'aquella republica. — *No Equador*: Os padres franciscanos, que tanto teem concorrido para a evangelisação, principalmente da parte oriental, do Equador, fundaram n'esta republica, em *Iacuambi*, uma nova missão com capella, eschola e todos os mais aprestes necessarios a uma missão. — *Nas Philippinas*: Ha n'este archipelago, sujeito á dominação hespanhola 163 parochias, com 1.096:659 christãos, todos dirigidos por 473 religiosos franciscanos. Só no ultimo agosto embarcaram no porto de Barcelona 20 religiosos da Ordem Seraphica, destinados ás Philippinas.

Ultimamente tambem abriram n'aquelle archipelago, em *Guinobatan*, (*Albay*), um novo collegio, a que assistiram, alem do Rev.º P. Provincial, o reitor da universidade de Manilha, o superior do collegio de dominicanos da mesma cidade, as auctoridades civis e ecclesiasticas, e grande numero de fieis. Foi uma bonita festa, seguida de um sarau scientifico-litterario, muito applaudido por todos os convidados, que constavam das pessoas mais distinctas de *Albay*, a que pertence *Guinobatan*. — *Bolivia*: Em Tarata, povoação d'esta republica fizeram os missionarios franciscanos uma bellissima festa, animada com procissões e outras manifestações religiosas a que assistiram as auctoridades bolivianas e os dous caciques de *Iaguará* e *Urabicha*, acompanhados de muitos catechumenos, subditos d'elles, que davam realce á festividade, armados de arcos e frechas. Tocou a orchestra da Missão. — *Perú*: Os padres franciscanos de Arequipa fizeram missões por muitas villas e aldeias, com grande fructo das almas. Houve communhões geraes; primeiras communhões numerosissimas, fazendo as creanças protesto, antes de commungar, de jámais entrar na maçonaria; confissões, baptismos, matrimonios, e muitos outros trabalhos da gloria de Deus e bem das almas. Só tres padres em diversas terras que missionaram obtiveram o fructo de 4:729 confissões, e assistiram a

N.º 11 — NOVEMBRO 1895

VOZ DE S. ANTONIO

ABENÇOADA POR S. S. O PAPA LEÃO XIII E POR S. EM.A O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

SUMMARIO

Salvemos a patria.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Exposição Mystica. — Maximas de S. Antonio para todos os dias do mez.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Historia de S. Antonio de Lisboa. — Ainda o dia 20 de setembro. — Uma viagem frustrada. — O congresso anti-maçonico internacional.
III Parte — *Culto de S. Antonio:* Chronica da Pia União e do Pão dos Pobres. — As illustrações do presente numero.
IV Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O trabalho, o dinheiro e a propriedade. — O fim ultimo e A Minha Palmeira (poesias).
V Parte — VARIA: Bibliographia. Lista dos assignantes que satisfizeram as suas assignaturas.
VI Parte — GRAVURAS: Mosaico da abside de S. João de Latrão em Roma. — Vista do Monte Paulo onde viveu S. Antonio.
O Chronista da Voz: — A paz internacional. — Napoleão catechista, etc., etc.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Salvemos a Patria

SALVEMOL-A pela *União*. Quando em o numero transacto da nossa humilde *Revista* fallámos ácerca da união que se procura formar entre nós, á qual chamámos catholica, em razão do seu fim principal, não dissemos tudo. Nem apontámos todas as necessidades que reclamam essa união, nem, tam pouco, enumerámos todas as causas que devem concorrer para a sua formação completa e perfeita, capaz de operar na sociedade.

Entre as necessidades urgentes que imperiosamente reclamam a união das forças catholicas e mesmo politicas, tem o primeiro logar a necessidade absoluta e impreterivel de se levantar um dique á torrente desenfreada do socialismo, que intenta acabar de arruinar a nossa patria, e abafal-o, sem demora, emquanto entre nós se conserva no berço.

Olhemos n'este momento para a França, para o seu governo e para Carmeaux. Emquanto lhe não faltam forças para abater as congregações religiosas e degolar milhares de victimas, sente-se fraco, impotente, perante uma gréve socialista. E agora, só por meios violentos poderá destruir essa hydra que agasalhou no seio e á qual deixou tomar proporções de gigante.

O mesmo, ou peor, virá a succeder entre nós, se lhe não esmagarmos a tempo a cabeça. E' verdade que o socialismo não é sómente inimigo da Egreja, antes, ás vezes, diz que é christão e catholico, e porisso os diversos partidos politicos, que elle odeia de morte, não o devem deixar crescer. Mas acaso não existem na França esses partidos? E que teem elles feito? Que fizeram na Allemanha? Que meios empregaram para salvar a nação de um tal flagello? Em nome e em abuso da liberdade, tudo se permitte, menos a diffusão do bem.

Semearam ventos, estão recolhendo as tempestades.

Sómente na acção catholica o socialismo encontrará um obstaculo entre nós. Mas a acção vem da força e esta da união. Ou nos unimos ou perecemos.

Mas como nos uniremos? Este é o problema; estudemol-o.

A união que se deseja formar tem por fim defender os interesses religiosos de uma nação catholica, os quaes são a melhor garantia da sua prosperidade politica.

A este fim supremo deve ser subordinado todo o plano da sua constituição. Mas esta união, convém não o esquecer, não póde deixar de ser uma sociedade; e por consequencia a sua constituição deverá ser uma constituição social. Considerando as leis geradoras de uma sociedade, descubriremos a maneira de crear uma associação solida e duradoura. Ora em toda a sociedade, por minima que ella seja, existem sempre dois elementos sem os quaes ella não póde subsistir, nem conceber-se: o elemento material ou o numero dos socios, e o elemento formal ou a auctoridade. Prescindindo de qualquer d'estes dois elementos, teremos união ou ajuntamento, mas não sociedade. D'essa união ou ajuntamento poderá derivar-se uma acção individual ou parcial, mas nunca uma acção social, que é geral; e por conseguinte o producto d'essa acção não reverterá nunca em beneficio geral, mas apenas em utilidade particular. Para que o producto da acção seja geral, deve proceder da sociedade; mas esta não obra senão depois de receber o impulso da causa formal, isto é, da auctoridade.

Para constituir, portanto, a nossa sociedade, denominada *União,* devemos procurar os dois ele-

mentos: material e formal, isto é, multidão e auctoridade; porque a causa primaria ou final já é conhecida: pugnar por *Deus* e pela *Patria*. Para conseguir o elemento material, a tactica não póde ser outra, parece-nos, senão esta: como a sociedade é de interesse geral, deve ser excluido do seu programma toda a clausula que obste á congregação geral de todos os homens de boa vontade, que desejem pugnar pelo fim que a sociedade se propõe. Aliás teremos uma sociedade particular, que não geral, como reclamam as necessidades urgentes da patria.

E a auctoridade, como surgirá ella? Se considerarmos a formação natural da sociedade primitiva, a auctoridade é elemento que surge, como por encanto, do meio da multidão reunida. Não que a multidão crie a auctoridade, mas porque a contém em potencia, como a flôr o fructo, como o fructo a arvore, e como a arvore a flôr. Na constituição, porém, das sociedades secundarias, não parece ser o mesmo o processo seguido ordinariamente. N'estas o que primeiro se vê é a auctoridade ou a parte dirigente. Esta propõe o fim, elabora o plano a seguir para o alcançar, e clama: quem me quizer seguir na consecução do meu ideal este é o caminho por onde ha de marchar. A multidão agglomera-se, a auctoridade dirige-a, produz-se a acção, e o fim é conseguido pela sociedade.

Nós temos o nosso fim na formação da *União;* temos algum elemento material; mas o formal onde está? E qual deveria preceder? Parece que, devendo a multidão operar desde o principio, e operar como sociedade para um fim commum, devia ser dirigida pela auctoridade; aliás a acção não será uniforme, porque não parte de um só e unico principio, porque não é animada por um só movimento.

E' o que póde vir a acontecer, se não está já succedendo.

A consequencia fatal da falta do elemento formal da sociedade é a dissolução. A *União* não chegará a formar-se por todo o paiz, ou, se chegar a existir nas ideias, não conseguirá nunca obrar efficazmente sem um chefe, sem uma cabeça dirigente.

Todavia, a boa vontade faz prodigios. Se em cada um dos homens que desejam a boa sorte da nossa cara patria se activar o desejo efficaz de trabalhar n'este sentido, trabalhem, muito embora sem chefe que os guie; que este, cedo ou tarde, apparecerá; ainda que seria melhor se apparecesse já.

Secção doutrinal

EXPOSIÇÃO MYSTICA

DA

Sagrada Escriptura por S. Antonio de Lisboa da Ordem do Seraphico Patriarcha S. Francisco d'Assis, e primeiro mestre das Sagradas Escripturas na mesma Ordem.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO DO GENESIS

CAPITULO III

«*A serpente disse á mulher,* etc.

Nota que tudo quanto se passa no homem quando declina para o peccado, foi o mesmo que succedeu no paraiso com estes tres personagens: o homem, a mulher e a serpente. Vem em primeiro logar a suggestão, quer pela imaginação, quer pelos sentidos do corpo, e esta é como a victoria sobre a mulher. Algumas vezes, porém, a rasão combate varonilmente a sensualidade excitada e a refreia. Isto acontece quando não cahimos no peccado, mas, pelo contrario, recebemos a corôa merecida na lucta. Se, porém, a rasão consente, e se determina a obrar o que a sensualidade appetece, é expulsa da felicidade como o foram aquelles do paraiso.

«*Sereis como deuses*». A natureza humana é similhante á oliveira que antes do peccado foi creada nos campos de Damasco; depois, transplantada para o paraiso das delicias, tornou-se abundante no que era superfluo, formosa nos seus fructos naturaes, fertil em delicias, bella em todos os seus dotes. Mas, ai! ao som de uma voz rumorosa, isto é, da serpente que, na suggestão diabolica promettia grandes cousas: sereis como deuses, ateou-se n'ella o fogo da vangloria e da avareza que lhe consumiu toda a riqueza dos seus fructos, isto é, manchou toda a sua posteridade.

A *mulher,* que quer dizer molleza, *que me déstes por companheira, foi quem me deu a comer da arvore:* isto é, aquelle prazer inutil, prohibido por Deus; *e eu comi.*

Ouvi a tua voz e temi. O' Senhor, se eu ouvisse tal voz, exclamaria com Adão: Ouvi a tua voz e tive medo. Tal voz não era de homem, mas de um Deus omnipotente. Resoe essa voz aos meus ouvidos e os meus labios empallideçam ao escutal-a.

A mulher viu que o fructo da arvore era bom para comer.

A tentação tem tres olhos ou modos de tentar: o primeiro é a gula; viu a mulher, etc. O segundo é a soberba e a vangloria, segundo o que disse Job, 4, *Omne sublime videt, et ipse rex super universos filios superbiæ.* O terceiro é a avareza: *hic est oculus eorum in universa terra.* (Zach. 5).

Comerás terra e andarás sobre o teu peito. Quem tem o peito na terra, lá tem tambem o coração.

Amaidiçoada a terra na obra que tu fizeste.

Isto é o teu corpo, pelo peccado da desobediencia. E com qual maldição será maldita? *para ti só produzirá espinhos e abrolhos.*

Os espinhos são a fome, a sêde e a lei da morte; os abrolhos são a tentação da carne que atormenta a alma.

Comerás o pão com o suor do teu rosto.

O rosto (vultus) é assim chamado porque n'elle se manifestam os desejos da vontade. No rosto do verdadeiro penitente mostra-se a dôr da contricção e correm as lagrimas da amargura como o suor do corpo, que são o pão do arrependido.

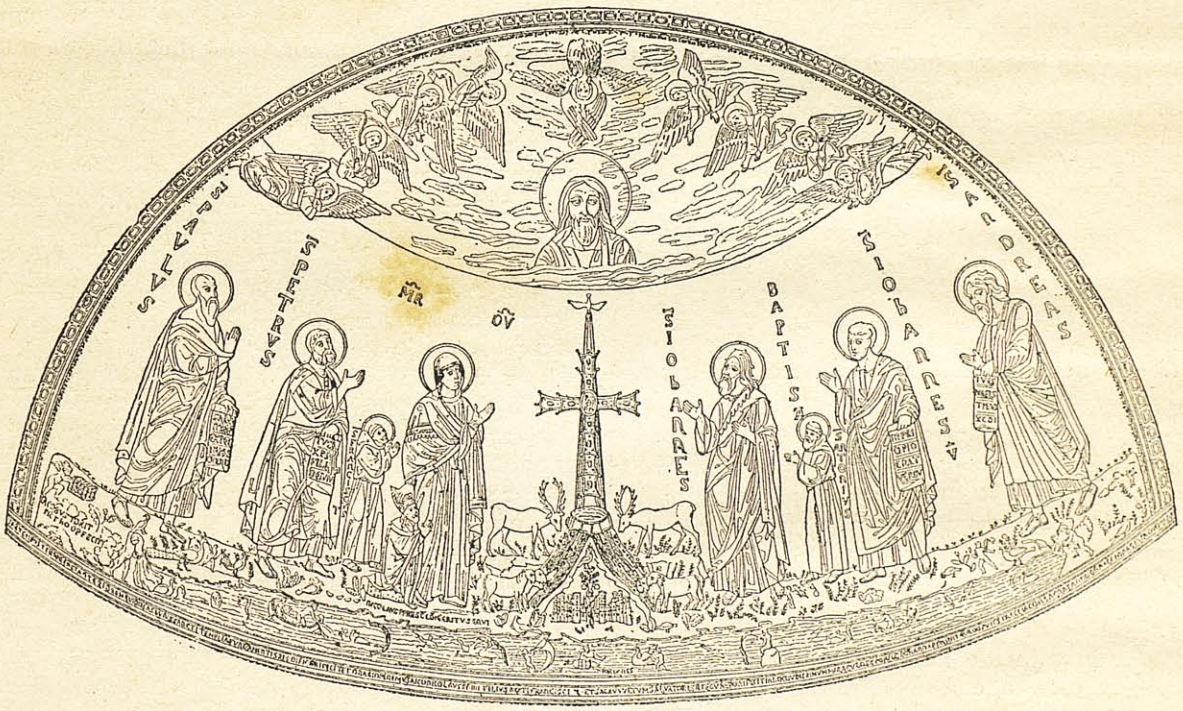
Parece que n'estas palavras Deus está dizendo ao homem, já cahido na culpa: Pelo despreso dos meus preceitos, pelo peccado que commetteste, pela mulher a quem obedeceste e não a mim, no suor do teu corpo, na solidão do espirito, no temor da morte, na dôr e na tribulação, comerás o pão; porque perdeste o fructo da arvore da vida que, com a sua virtude divina, te havia de conservar a existencia.

És pó e em pó te has-de converter.

Christo, com os pés da sua humanidade, desandou a roda da nossa natureza, que d'antes corria para a morte. De tal sorte que, aquelle a quem fôra dito primeiro que era pó e em pó se havia de converter, se lhe diga agora: És feliz e tudo te irá bem!

O Senhor expulsou o homem do Paraizo.

Veio o Filho de Deus no tempo determinado



MOSAICO DA ABSIDE DE S. JOÃO DE LATRÃO EM ROMA

restaurar o que estava perdido e curar um contrario com outro. Adão foi posto no Paraizo, onde peccou, no meio de tantas delicias. Jesus, pelo contrario, levado para o deserto, onde jejuou, venceu o diabo.

Repare-se na similhança de ambas as tentações: a da mulher, no paraizo, e a de Christo, no deserto. Disse a serpente á mulher: *quando comeres,* etc. E a Christo disse: se és filho de Deus faz que estas pedras se *convertam em pão;* eis a tentação da gula. Depois disse á mulher: *sereis como deuses* etc. A Christo disse: lança-te d'aqui a baixo e os anjos te *tomarão em suas mãos;* eis a soberba. Disse depois a Christo: *darte-ei todas estas cousas,* se me adorares, etc.; eis a avareza. Quanto maior era a sua perfidia tanto mais perfidamente fallou. Mas, como a sabedoria sempre obra sabiamente, assim n'este caso venceu a triplice tentação do demonio, com triplicada auctoridade da Sagrada Escriptura.

Ao diabo, que o tentava da gula, respondeu Jesus: o homem não vive só de pão; como se dissesse: assim como o homem exterior vive de pão material, assim o interior vive do pão celeste que é a palavra de Deus. O verbo de Deus chama-se filho, que é a sabedoria que procede da bocca do Altissimo; sabedoria deriva-se de sabor.

O pão da alma é, pois, o verdadeiro sabor da sabedoria, com o qual saborea os bens de Deus e gosa das suavidades do Senhor.

E' d'este pão que se diz no livro da sabedoria; deste-lhes o pão do ceu que encerra todo o goso,

e todo o sabor da suavidade. Por isso se diz tambem que este goso se acha *em toda* a palavra ou verbo que procede da bocca de Deus. Diz-se em *toda* a palavra, porque o verbo de Deus encerra a suavidade de todos os sabores, e o gosto da Sua sabedoria torna insipido o deleite da gula. E porque Adão se enfastiou d'este pão, por isso caiu na tentação da gula; com razão, pois, se diz que o homem não vive só de pão.

Quando o demonio tentou com a gula a Jesus, respondeu-lhe o Salvador: *não tentes* ao Senhor teu Deus. Jesus Christo é Deus pela creação e pela eternidade. O demonio tentou-O quando lhe persuadiu que se lançasse do alto do templo, Elle que era o creador do templo, e prometteu-lhe o auxilio dos anjos; sendo Elle o creador dos mesmos anjos.

Por isso o Senhor lhe respondeu: não tentes ao teu Deus.

Adão tambem tentou a Deus, faltando á observancia dos Seus preceitos, para ceder a falsas promessas: sereis como deuses.

Oh! quanta vaidade julgar poder fazer-se egual a Deus! oh! miseria! Elevas-te acima de ti mesmo, e precipitas-tē miseravelmente abaixo do que eras.

(Continúa)

* * *

MAXIMAS DE S. ANTONIO PARA TODOS OS DIAS DO MEZ

1.ª—O homem é fragil como a flor que depressa murcha e secca.

2.ª—Quando te visitar a prosperidade mundana e os deleites corporeos, vê não te comprazas n'elles, porque são como a serpente venenosa.

3.ª—A alegria mundana é o seminario do luto eterno.

4.ª—A contricção tira a malicia do coração, purificando-o dos maus pensamentos.

5.ª—Deus não despresa a oração dos orphãos, isto é, dos humildes e penitentes.

6.ª—A esmola é á maneira de um cofre, porque o que n'ella se deposita apparece depois na vida eterna.

7.ª—Assim como as palpebras cobrem a pupilla para a conservarem, assim a esmola cobre a graça, que é a pupilla por onde vê a alma.

8.ª—Assim como o homem fecha muitas vezes as pupillas para as conservar, assim tambem muitas vezes deve dar esmola, para conservar a graça.

9.ª—O perdão das injurias purifica dos peccados.

10.ª—A agua de uma confissão dolosa converte-se na alegria dos louvores celestes.

11.ª—Grande humilhação foi a de Jesus Christo, assumindo a natureza humana!

12.ª—O leproso do evangelho significa o homem inficionado com a lepra do peccado mortal.

13.ª—Os hypocritas externamente parecem justos; internamente, porém, são cheios de iniquidade e malicia.

14.ª — O luxurioso não será justificado na vossa presença, Senhor, mas condemnado.

15.ª — Quem vive no peccado, está morto; se quizer viver, vá ter com a verdadeira vida que é Christo.

16.ª — Tres cousas são mui necessarias ao peccador — contrição, confissão e fé.

17.ª — Tal fé deve ter o penitente, ajoelhado ante o confessor, que lhe diga: O' Senhor, se quizerdes podeis curar-me e purificar-me de meus peccados.

18.ª — Senhor Jesus, tudo o que tocardes, purificar-se-ha e obterá a saude.

19.ª — Jesus fez tudo o que teve em sua santissima vontade.

20.ª — O soberbo quando faz o bem, emboca logo a trombeta, para que todos conheçam suas obras.

21.ª — Tem a bom recato a sua lingua; porque, para isso, lhe poz a natureza duas portas que veem a ser os dentes e os labios.

22.ª — Aperta os dentes e comprime os labios, para que essa meretriz da tua lingua não vagueie por logares improprios, dizendo o que não convem,

23.ª — A maceração e mortificação do corpo purifica e sanctifica o espirito.

24.ª — A pobresa é á maneira de um frondoso cedro, que, com o seu odor, afugenta a serpente da avareza.

25.ª — Quem vive no estado matrimonial deve levar uma vida innocente, amar o proximo e exercitar as obras de misericordia.

26.ª — Jesus Christo em virtude de sua palavra a tudo occorre, tudo restabelece.

27.ª — Com as virtudes estirpam-se os vicios e readquire-se a vida da graça.

28.ª — No inferno ha um fogo que se não apaga, e um frio que se não tolera.

29.ª — A humildade e a castidade protegem e defendem o homem justo.

30.ª — Que feliz não é aquelle que tiver chegado a dominar completamente o seu servo, isto é, o corpo.

Secção Historica

HISTORIA DE S. ANTONIO DE LISBOA

CAPITULO VII

O capitulo das esteiras

In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.

(Rom. X, 18).

O apostolado da humildade. — Adeus ao mundo. — A pobreza e a caridade. — O Pobresinho de Assis. — O restaurador do seculo XIII. — O capitulo das esteiras. — Os imitadores dos apostolos. — Exhortação de S. Francisco.

FRANCISCO de Assis, esse grande homem que, seguindo as pisadas do Filho de Deus, mudou os destinos do seculo XII, tirando-o do abysmo para onde caminhava, resolveu tomar sob sua ban-

deira soldados que lhe servissem de auxilio nas guerras do Senhor que planeara, no silencio e na oração.

Prégou primeiro com o exemplo. A humildade, ensinada por Jesus desde a obscuridade do presepio até ao divino e cruento sacrificio da cruz, desapparecera por completo da face da terra. Elle queria pôl-a em seu logar de honra; e, para isso, calcou aos pés o fausto mundano, a soberba do seculo e os affagos do ouro; despiu as galas, voltou as costas a promessas de gloria e grandezas que lhe promettia o renome e os avultados haveres de seus paes. E quando Pedro Bernardone, no tribunal do bispo de Assis, antepoz o amor do ouro ao que lhe impunha a natureza para com o bemaventurado Francisco, desherdando-o de todo o seu patrimonio, elle, Francisco, cheio de celeste contentamento, levantou os olhos para o céo, bradando, animado de enthusiasmo todo evangelico: «Agora posso em verdade clamar: Pae meu, que estaes no céo!»

Desprendido de tudo, principiou a linha de combate que a providencia lhe destinára. Riquissimo por nascimento dos bens da terra, tudo havia despresado, e agora pedia de porta em porta, qual pobre mendigo, o pão nosso de cada dia. Era um genero de sermões que exigia da parte do prégador um sacrificio heroico; mas, para um seculo tão corrompido pela soberba como o XII, era necessaria uma lição tão dura como esta.

O mundo despresou e perseguiu o novo apostolo da humildade mas a verdade venceu a mentira, a virtude foi forte contra o vicio e Francisco obteve a palma gloriosa do triumpho. Depois de terem os habitantes da cidade de Assis apurado a paciencia de Francisco com ultrajes em que eram vis instrumentos os vadios, principiaram todos a reconhecer em Francisco não um louco, mas um praticador de virtudes evangelicas; não um pobre forçado mas voluntario; não um ocioso, que disfructava o suor dos outros, mas um apostolo que, praticando os graus mais difficeis da humildade, dizia a seus semelhantes:

— Eu prégo-vos a humildade, aprendei de mim que sou humilde; correspondei-me com outra virtude — sêde caritativos pelo amor de Deus [1].

A que sublimes rasgos pode levar a santa loucura da cruz! Aquelle que era a alegria da juventude de Assis, aquelle a quem chamavam o principe dos folgares, aquelle que animava com seus ditos alegres, posto que innocentes, todos os filhos dos seus nobres compatricios; deixava tudo para vestir humildemente e pobremente, esmolar o sustento quotidiano. Prodigio raro entre os mais raros que enobrecem as vidas dos santos!

Francisco queria formar um exercito, aguerrido contra ciladas do mundo, forte contra os invectivos da carne, impavido contra os embustes do inferno; mas não tinha meios, porque tudo deixára; mas não tinha amigos, porque só queria Deus. Tudo lhe faltava, do que humanamente se podera desejar; tinha, porem, um amparo poderoso em Jesus Christo e mais na sua fé. O mundo lhe dizia, escarnecendo dos santos projectos d'elle:

— Insensato, nem és bom para a sociedade que despresaste, nem para ti, a quem mortificas sem razão. Que bem podem, Deus e os homens esperar da tua fraqueza?...

E Francisco, com aquelle olhar prophetico, que vê o futuro; com aquelle espirito de fé que faz das pedras verdadeiros filhos de Abrahão, olhou para a sociedade que, á maneira de um moribundo se debatia nos ultimos paroxismos da morte, e lhe disse:

— Pobre sociedade, escarneces de mim? pois tempo virá que me honres teu salvador. Careço de meios que sabe proporcionar a prudencia humana, mas em Deus puz minha confiança. Eu pensarei tuas feridas, como o piedoso Samaritano, e te darei a saude fortalecida com o poderoso auxilio de meu Senhor Jesus Christo. Hoje principia o meu Apostolado. Quem quizer seguir a Jesus Christo, pobre e humilde, siga-me!

Os seus sermões eram obras; era a modestia, a humildade, a caridade com os pobresinhos; era o zelo do culto divino em restaurar as egrejas desamparadas; era um encendrado affecto com os enfermos, mormente com os leprosos; era um amor ternissimo por Jesus crucificado: era a mais filial affeição á Mãi de Deus.

*

Dez annos são passados, depois que Francisco trocou as folias do seculo pelas saudaveis e suaves asperezas da cruz. Toda a cidade de Assis está em movimento. O nome de Francisco corre de bocca em bocca como se fora um ser legendario, um santo extraordinario o enviado do ceu, o anjo da paz, o amigo dos pobres o cabeça dos combatentes pela boa causa de Jesus e da sua Egreja.

Todos affluem á penedia do monte *del diabolo,* para ver um espectaculo novo e nunca visto. Lá embaixo nas planicies de S. Maria dos Anjos se estende um arraial de muitas tendas, feitas de pobres esteiras, em todas ellas fluctua o estandarte sacrosanto da cruz. Entre todas ellas levanta-se uma, muito elegante, muito attraente e muito modesta. — Quem será o principe que habita essa tenda privilegiada? — E' Maria [1]. — Quem são esses soldados tão novos em seu postamento, e que tanto provocam a curiosidade dos habitantes de Assis? — São os filhos de Francisco. Elles lá se estendem pelo vale fóra; é um verdadeiro exercito. — Qual é a sua bandeira? E' a Cruz. — Que reino procuram elles propagar e defender? O reino de Jesus Christo. — De que armas se servem? Da peniten-

[1] Boa resposta para certos hypocritas que, animados de um odio satanico, chamam ás ordens religiosas anti-sociaes e inuteis. O que concorre para o restabelecimento social, intellectual e moral não é inutil.

[1] As tendinhas dos religiosos, reunidos em roda da capella de S. Maria dos Anjos eram de esteiras; por isso, aquella reunião se chamou d'ahi por diante o *Capitulo das esteiras.*

cia [1], da oração, do amôr ardentissimo a Jesus crucificado e a sua Mãi immaculada [2].

Francisco obteve o que desejava e a voz de alarme repercutiu-se por toda a terra; a sua bandeira teve por si muitos experimentados soldados. A Italia, a Allemanha, a França e as Hespanhas, viam com assombro esses homens extraordinarios, que lembravam os tempos apostolicos, em que os amados discipulos de Jesus sem bordão, nem bolça, nem duas tunicas [3], vestidos por fóra com a pobreza das cousas transitorias, e cheios das riquezas da graça, chegaram com a noticia da boa nova até aos confins da terra [4].

Jesus havia dito a seus discipulos, e n'elles ao sacerdocio catholico; «Ide por toda a terra, e prégai o evangelho a todas as creaturas» [5]. E os discipulos, confiados na palavra infallivel do Mestre e no poderoso influxo do seu Divino Espirito, desprezaram tudo para serem pregoeiros do Verbo de Deus, deixaram as redes com que pescavam peixes, e fizeram-se pescadores das almas [6], estendendo a rede da palavra divina por toda a terra. Levantaram-se os grandes e os poderosos do mundo [7], mas não poderam conter esse rio de fogo que sahindo do cenaculo, queimou e purificou as putridas chagas que affligiam a sociedade. E os monarchas, depois de uma guerra titanica de seculos, desceram os degraus de seus thronos, prostraram-se ante o Crucificado, a quem não podem resistir os poderes da terra.

Francisco e os seus cooperadores são a mais bella imagem de Jesus e de seus discipulos. Nasceu em presepio; teve doze discipulos; entre elles não lhe faltou quem representasse Pedro e João; até entre os doze predilectos houve um Judas, escandalo de seus irmãos. Como Jesus, recebeu Francisco as cinco chagas; como Elle, mandou o Santo Patriarcha seus filhos a prégar o santo Evangelho.

—«Ide, meus filhos, lhes dizia elle, ide dizer a nossos irmãos que deixem o peccado, que é o mal maior que nos póde affligir. Dizei-lhes que se convertam ao Senhor seu Deus, a quem offenderam, que façam penitencia de seus crimes. O Senhor será comvosco, porque Elle nos trouxe por sua misericordia a esta vida, não só para nos santificarmos, para levarmos os nossos irmãos para o céo [1]. Não desanimeis, meus filhinhos, por serdes poucos; porque o Senhor me revelou, a mim pobre peccador, que em nossa Ordem entrará grande numero de fieis de todas as nações [2], homens de muito grande santidade [3], e preclara sabedoria [4]. Ide, em nome do Senhor.»

«Pregai com a palavra e com o exemplo. Sede pobres das cousas temporaes e ricos em virtudes, que mais movem os proximos que os muito bem elaborados discursos. Ide, em nome do Senhor, prégar o Evangelho a todas as creaturas.»

Dez annos depois, 1219 chamou Francisco seus filhos a S. Maria dos Anjos, onde concorreram cinco mil religiosos franciscanos de todas aquellas nacionalidades, onde os enviados do S. Patriarcha haviam prégado a penitencia.

Não havia convento onde se podesse recolher tão crescido numero de religiosos; por isso, fizeram cabanas, fabricadas de pobres esteiras. E era ali onde estavam agora reunidos os filhos do Santo Fundador que elle quizera chamar, para mais facilmente os poder enviar por toda a terra, a prégar a bôa nova.

Foi d'este capitulo que S. Francisco enviou os primeiros martyres da sua Ordem, e que foram mais tarde o instrumento de que Deus se serviu para que Fernando se resolvesse a trocar a candida murça dos conegos regrantes pelo pobre e humilde habito de S. Francisco.

(Continúa).

1 Era tanto o àmor d'aquelles santos religiosos á penitencia e mortificação, que o proprio S. Francisco, por divina revelação, lhes prohibiu que fossem tão severos consigo mesmos, ordenando-lhes que entregassem os instrumentos de penitencia, que entre cadeias de ferro, cilicios, disciplinas etc., chegaram a 600.

2 O amor da Ordem Franciscana á Virgem Santissima é um dos caracteres d'esta Ordem. Contam-se aos milhares os escriptores franciscanos, que fallaram de Maria, publicando seus louvores, defendendo suas prerogativas. Entre muitos baste o Veneravel Fr. João Duns Scoto, que publicamente provou contra 40 doutores da Universidade da Sorbona a verdade do dogma da Immaculada Conceição, que toda a universidade abraçou e jurou defender; o que mais tarde se fez tambem na nossa de Coimbra. Foram tambem os franciscanos que induziram El-Rei D. João IV, a nomear a Immaculada Conceição, Padroeira do reino.

3 Math. X, 10. — Luc. IX, 3.

4 Rom. X, 18.

5 Math. XVI, 15.

6 Math. IV, 19. — Marc. I, 17.

7 Ps. II, 2.

1 Os filhos de S. Francisco foram sempre fieis a esta recommendação de seu santo Fundador, como lhe recorda a Egreja «*non sibi soli vivere, sed aliis proficere.* (Officio do Santo, 1.ª ant. de Landes). Só em 1892, segundo as estatisticas da S. C. da Propaganda e as estatisticas officiaes da Ordem, havia 4600 missionarios franciscanos, com 2 Delegações, 4 Bispados, 14 Vicariatos Apostolicos, 21 Prefeituras Apostolicas, e varias outras missões isoladas.

2 No seculo XVIII, como referem as estatisticas da Ordem, chegou, só a primeira Ordem, a ter 500:000 religiosos; e agora, apesar dos calamitosos tempos que atravessamos, ha, só na primeira Ordem, 27:000 religiosos.

3 Tinha razão S. Francisco, pois que das tres Ordens fundadas pelo Santo Patriarcha teem culto publico 266 filhos seus encontrando-se em via de beatificação 132. Foram martyrisados, até agora 1500, e o menologio da Ordem menciona 5000 confessores illustres. Com fundado motivo, pois, diz S. S. Leão XIII, que «Com «razão pode gloriar-se a Ordem do grande Francisco de Assis, mais «fecunda de tantos Santos.»

4 Basta referir os nomes bem conhecidos na republica das lettras, de V. Alexandre d'Ales, o Seraphico Doutor S. Boaventura, o Subtil V. João D. Scoto, Rogerio Bacon, S. Antonio de Lisboa, o B. Raymundo Lullo e tantissimos outros. A sciencia e a virtude dos filhos de S. Francisco tem aproveitado á Egreja com só da 1.ª Ordem: 5 Papas (da terceira, quasi todos desde Gregorio IX até Leão XIII), mais de 40 Cardeaes, 14 Patriarchas, mais de 4000 Arcebispos e Bispos e 290 Legados Apostolicos. Actualmente ha, só na primeira Ordem, 2 Cardeaes, 2 Patriarchas, (sendo um tambem Cardeal, o Ex.mo Snr. D. José III de Lisboa), 17 Arcebispos e 51 Bispos.

AINDA O DIA 20 DE SETEMBRO

Um dos factos que mais se tem relacionado com o dia 20 de setembro, foi a visita do snr. D. Carlos ao estrangeiro.

Deu essa viagem occasião a uma, talvez imprevista, collisão entre os interesses religiosos e politicos tanto de Portugal como da Santa Sé e da Italia. Portugal viu-se entre talos, como por ahi se diz, mas sahiu-se bem, muito bem; triumphou a religião; ficou Portugal no seu posto. A Santa Sé tambem teve a sua victoria, foi o triumpho do direito. A Italia, porém, dominada pela Franc-Maçonaria, essa, coitada, soffreu um logro bem merecido e bem dado; a politica de Crispi soffreu um golpe certeiro: d'ahi as iras dos seus jornaes contra Portugal e contra o Papa.

A principio tudo eram enthusiasmos, louvores, elogios ao rei de Portugal; quando viram, porém, que o snr. D. Carlos antes de tudo punha os interesses religiosos, sacrificando até á politica interna as relações externas, amuou-se. Mas ouçamos o que a este respeito diz o *Temps*, jornal imparcial, e que reproduz o echo da impressão de um proceder bastante incorrecto da parte dos italianos:

«UMA VIAGEM FRUSTRADA

O incidente originado pela projectada viagem do rei de Portugal á Italia, em vez de conservar um caracter strictamente pessoal, parece tomar proporções de complicação internacional. Todo o ponto da difficuldade provém de que o rei D. Carlos é ao mesmo tempo sobrinho do rei Humberto e herdeiro de uma dynastia que mereceu da Santa Sé o titulo honorifico de fidelissima e que reina em um paiz absolutamente catholico.

Era naturalissimo que o filho da rainha D. Maria Pia, emprehendendo pela vez primeira, depois de subir ao throno, uma viagem pelas diversas côrtes da Europa, tivesse o cuidado de ir apresentar os seus serviços ao tio d'elle. D. Carlos e os conselheiros que intervieram na concepção dos seus planos, não ignoravam com certeza as reservas do Soberano Pontifice relativamente á recepção dos principes que acceitavam a hospedagem do Quirinal.

N'aquella Roma que, por tantos seculos, pertenceu ao Chefe Visivel da Egreja, e onde vinte e cinco annos de dominação italiana (o episodio de um dia, apenas, comparado com a duração immemoravel quasi da soberania pontificia) não poderam apagar as recordações do passado, nem cicatrisar as feridas da invasão do dia 20 de setembro de 1870. O Papa, que não é senão um recluso preso no Vaticano, cautellosamente se abstem de qualquer cooperação com seus expoliadores, por passiva que seja, a qual podésse ser encarada como uma sancção d'um facto que nunca cessou de ser a seus olhos a negação de todo o direito.

Leão XIII, comtudo, que jamais levou até á intransigencia a defeza do deposito sagrado que lhe foi confiado, estabeleceu uma distincção muitissimo razoavel entre os principes e soberanos catholicos e aquelles que pertencem á heresia e ao schisma. Estes ultimos não teem a seus olhos particulares obrigações para com o Soberano Pontifice. São apenas obrigados a certas considerações que exigem os grandes infortunios supportados innocentemente.

Assim é que, tudo aquillo que exigiu, por exemplo, do principe imperial, Frederico da Prussia, e do imperador Guilherme II, quando vieram a Roma visitar os seus bons amigos e grandes alliados da dynastia de Saboia, foi, por uma especie de ficção diplomatica, que tomassem como ponto de partida da visita d'elles ao Vaticano, não o Quirinal, mas a sua embaixada junto da Santa Sé; e que se servissem das equipagens d'elles e não dos da côrte italiana.

Para um Soberano catholico, a attitude do Papa é naturalmente muito outra. Oppõe uma recusa formal a um principe d'esta cathegoria que principiou por ir prestar as suas homenagens ao Quirinal. Por outras palavras, exclue absolutamente de ante mão toda e qualquer visita d'este genero, a não ser talvez quando feita sob *incognito*, porquanto se não pode conceber, emquanto subsistir a Italia e continuar a fazer de Roma sua capital, que um soberano qualquer possa fazer ao rei de Italia a affronta de lhe recusar aquillo que por direito pertence ao senhor da casa.

Por outra parte, admittindo a legitima repugnancia que teem os soberanos catholicos de infligir uma amargura a mais ao Chefe da sua Egreja sobre a terra, e de incorrer em consequencias talvez muito mais graves que se seguiriam de semelhante procedimento, é induvitavel que a Casa de Saboia deve sujeitar-se ou a receber semelhantes visitas em Monza ou em qualquer outra parte de Italia, ou a ficar privada de semelhantes visitas.

E, de facto, foi este ultimo caso que se deu presentemente. Emquanto os *Hohenzollern* publicavam com ostentação a sua viagem a Roma, o outro membro da triplice alliança, o imperador Francisco José, ainda que deva ha muitos annos uma visita que lhe fez Victor Manoel em Vienna, ainda não pagou ou não póde pagar semelhante visita. Sua Magestade Apostolica, o chefe da dynastia de *Habsbourg-Lorena*, o herdeiro de uma extensa serie de principes ardentemente catholicos, o soberano de estados, onde o catholicismo possue enorme preponderancia, não julgou poder ir a Roma contristar o Soberano Pontifice e expor-se ao seu resentimento.

Além d'isso, a casa de Saboya não julgou, por sua parte, acceitar uma visita que poderia, n'estas circumstancias, pôr em duvida a unidade do reino de Italia e a legitimidade da invasão de Roma. Ninguem ignora que esta desintelligencia, postoque muito bom meio de provocar resentimentos, como tantos outros a que tem dado logar o *irredentismo* italiano, não poderam impedir a subsistencia e a harmonia entre dous governos e duas dynastias. Ahi está a triplice alliança para demonstrar que a Italia perdôa e passa em silencio, quando seus interesses parecem ordenal-o.

Qual é, pois, a rasão porque recebeu com tanto enfado a recusa naturalissima e justificadissima d'el-rei de Portugal? Tratar-se-hia, porventura, de um planosinho machiavelico, fundado na probabilidade de que um parente tão proximo não havia de querer ferir as susceptibilidades de seu tio, ou que o chefe de um pequeno estado não quereria apartar de si uma grande potencia? Quereriam porventura forjar o conluio sem o seu hospede, e ainda por cima arrogar-se a honra de o ter destruido?

O que pareceria confirmar estas vistas, é censurarem D. Carlos por ter mudado de parecer, o que é falso. El-rei de Portugal manifestara desejo de ir visitar seu tio *a Monza*. Responderam de Italia, manifestando quanto regosijo não haveria de o receber *em Roma*. O laço era claro de mais. Sua Majestade fidelissima declarou, que, em taes circumstancias, renunciava ao projecto que formara. Nem outra cousa poderia fazer, a não ser que quizesse quebrar as relações com o Soberano Pontifice da sua religião.

D'ahi uma guerra aberta pela imprensa italiana, a que afinal pouco importa, e a ordem que deu Chrispi ao representante do rei de Italia em Lisboa de dar em tom ironico uma lição indecorosa ao rei de Portugal, fazendo votos porque bem depressa possa adquirir a plenitude da sua independencia. Este desejo não produziria tão máo effeito, se em logar de visar o soberano de um pequeno estado, cujas glorias (e não são para despresar) são no passado, visasse o poderoso chefe do imperio austro-hungaro, o alliado intimo do rei Humberto. Crispi parece ignorar que semelhante procedimento, corajoso, sem duvida, se se tratasse de um imperio poderoso, deve qualificar-se mui diversamente quando se reserva para um pequeno paiz com quem sem perigo se pode ser impertinente.»

E que dirão a isto os jornaes italianos? E que

dirá a isto a maçonaria, que tanto desejou que D. Carlos fosse o instrumento em suas mãos, para sanccionar o imqualificavel attentado do dia 20 de setembro?

GUERRA CONTRA A MAÇONARIA

PARECE que as cousas vão tomando uma direcção mais favoravel aos interesses da religião e da sociedade. Os illudidos começam a abrir os olhos. Os catholicos cerram fileiras, para combater por todos os meios legaes o grande inimigo da sociedade actual — *a maçonaria*. Projecta-se um congresso internacional, que visa nada menos que a estudar os meios convenientes para destruir essa seita maldita que tanto nos tem affligido.

Eis o programma d'esse congresso:

PROGRAMMA GERAL DO PRIMEIRO CONGRESSO ANTI-MAÇONICO INTERNACIONAL

PRIMEIRA PARTE

REGRAS GERAES

CAPITULO I

Fim e caracter

Artigo 1.º Por iniciativa e pelos cuidados do Conselho geral, directivo da união anti-maçonica, com séde em Roma, é convocado um congresso internacional anti maçonico. Mais tarde se fixará o logar e o tempo do congresso.

Art. 2.º O fim do congresso é tornar conhecida de todos a immensidade de males materiaes e moraes, que a seita causa á Egreja e á sociedade, e procurar o remedio, em uma organisação internacional permanente contra a Maçonaria.

Art. 3.º O congresso é essencialmente catholico; deve, por isso mesmo, inspirar se em sentimentos de caridade e amor para com nossos irmãos que vivem no erro; a seus trabalhos, porem, serão admittidos aquelles somente que professarem a mais absoluta obediencia á Egreja, e ao seu chefe visivel, o Soberano Pontifice.

Art. 4.º O congresso está sob a especial protecção da Santissima Virgem, sob a invocação de auxilio dos christãos e refugio dos peccadores, de S. Miguel Archanjo, principe da milicia celeste, e de S. Agostinho, bispo d'Hyppona e doutor da Egreja, que, depois de ter seguido a doutrina dos Manicheos, cujos erros fez reviver a franc-maçonaria, se converteu á fé catholica, tornando se um de seus mais ardentes defensores.

CAPITULO II

Art. 5.º A organisação geral do congresso está confiada á commissão central executiva, cujos membros residem em Roma.

Formar se-ha em cada nação uma commissão nacional, afim de obter adhesões e propostas para o congresso, a fim de que possam concorrer ao congresso o maior numero possivel de pessoas competentes no conhecimento dos dogmas e obras maçonicas.

As commissões nacionaes poderão formar uma ou mais sub commissões locaes, a fim de serem por elles auxiliadas.

Art. 6.º As sub-commissões locaes terão correspondencia directa com a commissão nacional respectiva, e esta ultima com a commissão central executiva.

Para isso, se instituiu já um secretariado junto da commissão central executiva, com a qual pode haver correspondencia directa em todas as linguas adoptadas pelo serviço telegraphico internacional.

Art. 7.º Os membros do congresso dividem-se em honorarios, activos e adherentes.

Os membros honorarios são nomeados pela commissão executiva a proposta das commissões nacionaes, entre as pessoas de maior auctoridade no campo da acção catholica.

Membros activos são os que hão de intervir no congresso e tomar parte em seus trabalhos, quer por sua propria vontade, quer representando as commissões nacionaes, quer como representantes de jornaes ou associações catholicas.

Membros adherentes são todos aquelles que, sem intervir pessoalmente, cooperam por suas offertas para o bom resultado do Congresso: poderão, contudo enviar os seus trabalhos. As senhoras podem inscrever-se n'esta ultima cathegoria.

(*Continua*).

CULTO DE S. ANTONIO

CHRONICA DA PIA UNIÃO E DO PÃO DOS POBRES

Estas piedosas instituições em honra de S. Antonio por toda a parte téem tido as mais decididas sympathias.

Em Forjaes prégou no dia 16 d'este mez de novembro o R. P. Fr. Domingos dos Corações uma pratica sobre a grande utilidade d'estas instituições antonianas.

A 28 do mez passado recebemos uma carta do Rv.mo snr. conego Illidio Costa, do Porto, participando que no dia 30 de junho se fizera sob sua direcção uma linda festa em honra de S. Antonio, na capella da Congregação da juventude catholica do Porto. A festa foi precedida de triduo, terminando com communhão geral e missa solemne com o SS. exposto durante todo o dia, havendo sermão de manhã e de tarde. Esta festa foi promovida pelos congregantes que téem o nome de Antonio. Na capella d'esta congregação ha uma imagem do nosso santo, que tem feito diversas graças, concorrendo assim para o alimento dos pobresinhos.

Em Braga cresce cada vez mais a devoção a S. Antonio. No principio d'este mez encontraram-se na caixa das petições 964 cartas, distribuidas do modo seguinte:

Petições 920, sendo por causa de doenças corporaes 255, negocios temporaes 154, pessoas auzentes 62, necessidades espirituaes 61, dividas 32, matrimonios 26, cousas perdidas 21, demandas 10, conversões 21, vocações religiosas 8, livramentos de soldado 8, exames 22, outras necessidades 160.

Graças 44, sendo por curas corporaes 10, cousas apparecidas 4, demandas ganhas 1, bom exito em exames 1, livramento de vida militar 1, dividas pagas 1, bom resultado de negocios temporaes 1, graças temporaes 3, outras graças 17.

Eis algumas das petições encontradas na caixa de S. Antonio, nos Terceiros:

—Cheia do mais vivo reconhecimento vos venho hoje agradecer a graça tão singular da minha vida e saude. Já preparada com ultimos sacramentos, sem poder mover-me nem articular palavra que podésse ser percebida, logo que a vós meu Glorioso Santo recorri experimentei a eficacia de vosso valimento, porque logo com mais facilidade me entenderam e julgando-me a vida só por instantes, hoje vivo e sã e salva. Infinitas graças Vos sejam dadas meu Glorioso Santo Protector Mil e Mil vezes obrigada e obrigadissima meu querido Santo Antonio: e em satisfação do meu voto ahi Vos remetto os 100 reis para o pão desses vossos pobresinhos. E' o que eu pobre Asylada de 10 annos vos sei dizer.

Desculpai-me e continuae a rogar a Jesus por esta Vossa Serva.

—Meu glorioso S. Antonio.—Bem conheceis o estado a que tenho de chegar. Mas para ahi subir tenho de fazer primeiro exame. Por isso, meu querido Santo, peço-vos, permittaes que eu fique bem n'elle, e que seja chamado onde melhor souber

Eu sou muito pobresinho, e não posso dar nada; mas prometto-vos de vos resar o vosso responso, e mais algumas devoções, applicando-as por intercessão dos vossos pobresinhos.

—F., da freguezia de Teixeiró, concelho de Baião, offerece a Santo Antonio para o pão dos pobres a quantia de 1$000 reis se elle conseguir de Deus Nosso Senhor a graça da vocação religiosa e permittir a entrada n'uma ordem até os fins de 1896.

—Milagroso Santo Antonio. Fazei que a nossa vaquinha sare, e dê leite para o tourinho e para nós e dar-vos-hemos 200 reis, para o pão dos pobres. — *Vossas devotas.*

Attendei tambem os outros nossos pedidos e por um vos daremos para o pão dos pobres 500 reis.

— *Peçovus* um *boso deboto* que *pedis* o Senhor que lhe conseda Estas grasças que *bus* peço *çe* for para *onra* i gloria du Senhor pois duas grasças *vus* peço que *pedis*, o Senhor que me conseda a *çalvação*, da Alma i que *isprite* nu coração das Peçouas que me tem roubado *du* que me pertençe que me restetui tudo pois *çe* me fizeres Este Milagre *pur* Este Mes *doubus* dinheiro dum caro de Pão para *us boços* Pobrinhos iuma *Bela* da minha Altura imandovus dizer uma *Miça Nu Boço* Altar de Croua.

— Meu Padre S. Antonio peço-vos que me *deias* boa sorte e muita *felecidade* e bom genio e que eu cresça mais um bocadinho para eu não ser tao *raquitica* e se me fizeres este milagre até ao fim de Janeiro douvos 200 para pão dos vossos pobres. 25 de Agosto de 1895.

— Milagroso Santo Antonio dos *tereseiros* Sendo por Deus Noso Senhor me fara o milagre de me tirar esta *Sufecasão qeu* tenho ca dentro de mim Sendo da vontade de Deus depois do Milagre feito eu *vus* vou *lubar* a Esmola *pro* pão *Dus* povres doze vintens.

— Ha mais d'um anno que estou padecendo, com grave risco, d'uma bronchite aguda. Desesperançada de obter uma cura completa pelos meios, que para taes casos aconselha a medicina, recorro a Vós milagroso Santo Antonio, que sois o verdadeiro remedio para todos os males, para que me seja restituida a minha antiga saude, se d'isso sou merecedora, para que possa ser o amparo de meu pae na sua velhice, se a ella chegar. Espero de Vós esta graça, milagroso Santo Antonio, pelo menos até ao fim de setembro. Se fôr ouvida na minha supplica, prometto dar-vos o que me fôr possivel para o «Pão dos Pobres.»

*

Associados no numero passado	45:320
Mais do Patriarchado de Lisboa	185
Lisboa	185
Archidiocese de Braga	2:957
Braga	317
Fornellos	2
Vianna do Castello	13
Valdreu	49
S. Paio d'Antas	40
Capareiros	2
Punhe	2
S. Martinho de Valbom	298
S. Paio de Saramil	146
Cabanellas	6
Aboim	69
Gurnellos	28
S. Mamede	224
Villa Verde	38
Sande	3
Povoa do Varzim	26
S. Claudio	27
Fragoso	174
S. Romão	29
Paredes Secca	67
Cruzeiro	27
Ruilhe	26
Boivães	187
Bouro	67
Pouza	46
Barcellos	3
Merelim	11
Pinheiro	10
Ponte da Barca	9
Escudeiros	8
Asias	13
Vieira	27
Lamaçaes	14
Alfarella	88
Nebrega	46
De varias partes	455
Bispado do Porto	91
Porto (S. Cosme)	36
Mesão-frio	36
Bagunte	15
Balazar	3
Ferreiró	1
Bispado de Coimbra	116
Leiria	47
Soure	4
Monte-mór-o-Velho	5
Tentugal	13
Rigueira de Pontes	47
Bispado de Lamego	125
Lamego e Suburbios	123
Moimenta da Beira	2
Arcos de Sever	3
Bispado de Bragança	176
Abreiro	141
Guiaios	2
Anciães	23
Bispado da Guarda	402
Manteigas	402
Archidiocese de Evora	15
Villa do Redondo	15
Brazil	1
Total dos associados	49:388

Tem sido zeladores incansaveis da nossa Pia União de nosso Santo, além de muitos outros os snrs.:

No Patriarchado: o rev.mo snr. Padre Antonio Rodrigues Soares, Lisboa.

No Arcebispado de Braga: os rev.mos snrs. Padre Commissario da Ven. Ordem Terceira da Cidade, e Padre Sebastião Pires de Freitas.

Na Diocese da Guarda: o rev.mo snr. Padre José Rabaça de Carvalho, Manteigas.

Na Diocese de Bragança: o rev.mo Padre Antonio Accacio de Castro Valente, digno Thesoureiro da Bulla.

AS ILLUSTRAÇÕES DO PRESENTE NUMERO

Mosaico da abside de S. João de Latrão

(S. Antonio defende o seu logar)

A devoção do povo romano ao grande Thaumaturgo franciscano, o defensor acerrimo dos direitos da Egreja, revela-se nos muitos monumentos e obras de merito que sua piedade lhe tem consagrado. — Faz fé ao que affirmamos um dos valiosos mosaicos que ornam a abside de S. João de Latrão, basilica tão celebre por sua remota antiguidade e primorosa architectura.

Este mosaico, verdadeira obra prima, é em parte trabalho dos frades menores e destaca-se entre os muitos que adornam a abside d'esta basilica, tão rica de bellesas e saudosas recordações. — Representa o Salvador do mundo ao centro tendo á direita sua divina Mãi, S. Pedro e S. Paulo; e á esquerda S. João Evangelista, S. João Baptista e S. André. Mais tarde os Franciscanos por ordem de Nicolau IV accrescentaram-lhe seu Santo Patriarcha e Santo Antonio de Lisboa. Este collocaram-no entre S. João Baptista e o Evangelista, aquelle entre a Virgem e S. Pedro.

Quando porém Bonifacio VIII cingiu a tiara, intendeu que um grupo tão privilegiado, onde nem ainda todos os apostolos tinham sido admittidos, era honra demasiada conservar a imagem do nosso Santo e que a Ordem franciscana se devia ter por muito honrada com ter ahi seu Santo Fundador. Mandou pois que tirassem S. Antonio e que lhe substituissem S. Gregorio. Pozeram-se mãos á obra, mas ao primeiro golpe de martello desaba o andaime e todos quantos se achavam sobre elle cáem com grande estrondo. Correm os que estavam presentes em soccorro dos que suppunham mortos, e encontram-nos sem outra molestia mais que a do grande susto que soffreram. Informado o papa Bonifacio de semelhante maravilha revogou suas ordens e ordenou que para memoria d'este prodigio se conservasse a mossa do martello, que mais tarde Alexandre VII fez desapparecer.

A noticia d'este milagre depressa se espalhou por toda a cidade e assegurou ao illustre Thaumaturgo o lugar de honra na abside de S. João de Latrão.

(Veja-se mais na pag. 16 — anterior)

Vista de Monte Paulo

A Egreja do Santo. — *B* Gruta. — *C* Fonte. — *D* Local do antigo convento. — *E F* Casas de Angelo Geoli de Montepaolo. — *G H I* Casas de Gaoli Casalecchio.

Monte Paulo

Foi para o eremiterio de Monte Paulo que S. Antonio se trasladou depois do celebre capitulo das *esteiras*, onde se reuniram mais de cinco mil frades. Situado na diocese de Forli, dista d'esta cidade mais de tres leguas. E' logar solitario e aspero. Aqui passava o Santo dias e noites em oração e intima união com Deus até que a obediencia á voz dos superiores o arrancou a tão amavel retiro para o empregar no mister da prégação. E foi com a longa preparação de oração, jejuns e mais penitencias que S. Antonio deixou este monte para ir pelejar as batalhas do Senhor contra o inimigo de nossa salvação.

Secção Scientifico-litteraria

O TRABALHO, O DINHEIRO E A PROPRIEDADE

Segundo a Regra dos Frades Menores de S. Francisco

(Continuação)

VI

Equivalencia da vida

E' pela avaliação do trabalho que se obtem a somma de valor de uma cousa. Feito isto, como se poderá medir a quantidade de vida que contem este valor? E' ainda d'esta vez o trabalho que dá uma solução ao problema. Recordemo-nos que elle não é somente uma equivalencia de valor, mas tambem uma equivalencia de vida.

Que relações poderá haver entre um dia de trabalho executado com o talento e as forças ordinarias, e o valor necessario para o sustento da vida de um homem, durante um dia normal?

S. Francisco resolve directamente esta questão: «que elles recebam, diz, falando de seus discipulos, para si e seus frades, do preço do seu trabalho, quanto lhes fôr necessario para a vida. *De mercede vero laboris, pro se et suisfratribus recipiant corporis necessaria*».

Segundo o legislador seraphico, o trabalho de um homem representa: 1.º a sua despeza pessoal: *pro se;* 2.º as cousas necessarias á vida para outras: *pro suis fratribus;* 3.º emfim, um valor indeterminado que o Frade Menor deposita nas mãos de quem o occupou; *de mercede vero laboris.*

A Santa Pobreza não lhe permitte receber por inteiro o salario de um operario ordinario, mas tão somente a parte d'esse salario correspondente ao sustento da familia monastica. Por conseguinte S. Francisco julga que *o operario, pelo seu trabalho diario, produz mais do que consome com a despeza diaria;* isto é: a producção do operario é superior, ao consumo. E todavia, julgamos que o trabalho do monge não egualava o valor do trabalho de um operario ordinario.

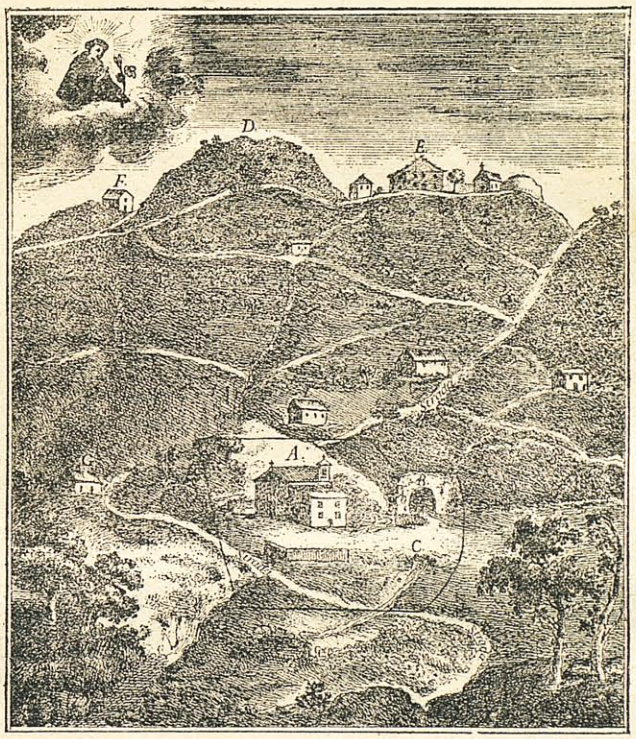
Narra a historia que, durante a estação dos trabalhos, a maior parte dos filhos da Santa Pobreza iam em auxilio dos agricultores da Umbria e da Toscana. Os prégadores, á frente das turbas que evangelisavam, entregavam-se aos trabalhos campestres; e os que se occupavam na vida contemplativa e na oração deixavam as doçuras do extasis e a solidão dos bosques para acompanharem os trabalhos rudes dos campos.

Estes trabalhos não egualavam a somma de esforços de um numero egual de operarios modernos, debaixo da vigilancia de chefes rigorosos, ou de contramestres implacaveis alliciados, pela esperança de ganhar algum premio; e, todavia, eram mais que suficientes para a vida da familia religiosa.

Para procedermos com mais rigor e determi-

narmos, pelo menos approximadamente, a quantidade de valor que produz o trabalho do homem, appliquemos aqui as leis que mencionamos a cima.

O producto do trabalho actual deve bastar para a vida no passado e no presente e prover ao mesmo tempo para o futuro. O total dos productos do trabalho deve, pois, corresponder, á totalidade da vida. Deve alimentar a infancia, que ainda não pode trabalhar, e a velhice que já não pode trabalhar mais. E' de justiça: a infancia pediu emprestado, deve restituir; a velhice emprestou; tem, pois, o direito de receber. A familia deve viver do trabalho do seu auctor, como o seu auctor viveu do trabalho da familia. Quando creança, o homem comeu o pão do trabalho futuro; no declinar da vida, quando as mãos cançadas já não poderem sustentar o instrumento do trabalho, e os hombros enfraquecidos vergarem sob o peso da carga, é ainda o pão do trabalho que elle vai pedir á economia da edade madura. Se o homem trabalha o terço da sua existencia, a lei da perennidade familiar do trabalho exige que cada um d'estes dias produza o necessario para tres dias da vida: *pro se.*



VISTA DO MONTE PAULO ONDE VIVEU S. ANTONIO

Ao mesmo tempo a solidariedade social exige que o producto do trabalho baste para todas as necessidades da vida. O homem que cultiva um cereal, por exemplo o trigo, deverá recolher tanto que lhe seja sufficiente não só para o abrigo e para o vestido, muito embora não seja pedreiro nem alfaiate, mas alem d'isso tambem para a sua vida moral, intellectual e sobrenatural. Isto é, uma parte do trigo que recolhe o lavrador deve ser sufficiente para os irmãos que oram que estudam e que governam: *pro suis fratribus.*

Mas ainda ha mais. No acto do trabalho, o passado, debaixo da forma de propriedade ou de capital, concorre com o presente e augmenta o seu producto. A propriedade tem, pois, o direito de tomar a sua parte, e esta parte deve achar-se no valor total do trabalho actual, a par das outras porções reclamadas pela solidariedade e pela perennidade do trabalho.

O valor do trabalho que corresponde ás leis que acabamos de enumerar, entra directa ou indirectamente no consumo do operario.

Mas, depois de o termos descontado sobre o trabalho actual, deve ainda restar uma parte pois que o producto diario do trabalhador excede, em muito, a sua despeza diaria.

A simples exposição das leis naturaes que regem o trabalho, permitte-nos, pois, avaliar a quantidade de vida que encerra o trabalho manual e a somma de valor que elle produz.

Nos designios da Providencia, o trabalho deve prover não sómente ás necessidades do operario e da sua familia, mas tambem ás da sociedade, e ainda augmentar o patrimonio da humanidade.

Se o operario tem fome, se a sua familia é condemnada ao pão da esmola, se a sociedade soffre necessidades, é por alguma d'estas razões: ou a obrigação do trabalho não é respeitada, ou as

suas leis são violadas. No primeiro caso, temos os parasitas, no segundo os usurarios.

VII

Obrigação social

Se o trabalho é o elemento necessario do valor, e o valor a *materia* da vida, o facto de viver acha-se subordinado á obrigação de trabalhar.

Todavia, como a lei do trabalho é uma lei de solidariedade, aquelle que não póde trabalhar, mas que tem o desejo e a vontade de trabalhar, acha no trabalho d'outrem tudo o que é necessario á sua subsistencia.

O Apostolo diz: quem não quer trabalhar não coma. O trabalho dos homens validos alimenta as creanças, os velhos e os enfermos, sem empobrecer a sociedade. S. Francisco não receia confiar os enfermos ao cuidado de seus irmãos.

Mas, já não succede assim com o preguiçoso. Este é um peso para os outros; o que elle consomme faz falta á sociedade. Se por meio de alguma industria ignominiosa consegue conservar a vida, haverá alguem que elle condemna á fome. Não ha meio de evitar a humilhação de ser pesado aos outros, senão trabalhando para viver do seu trabalho. S. Francisco tinha apprendido esta lei na escola da sua senhora, a Santa Pobreza.

Na primeira regra que elle compoz, em 1210, citava as palavras do Psalmista: é para ti uma felicidade e um bem, comer o pão amassado por tuas mãos. *Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es et bene tibi erit.* Appropriou-se a maxima do grande Apostolo: quem não trabalha não coma, e por isso accrescentava nos seus colloquios: «eu quero que todos os meus frades trabalhem, que se entreguem humildemente aos trabalhos uteis, afim de nos não tornarmos pesados ao povo.» Frizando assim a obrigação social do trabalho, não deixa de insistir sobre as razões moraes e sobre o lado religioso d'este dever. E' necessario notar que o trabalho preserva das cogitações perversas, e da maledicencia, e que Deus não attende aos que se entregam a elle sem zelo, sem constancia e sem humildade. Expulsando um dia da ordem a um frade negligente, disse-lhe S. Francisco: *vai-te*, frade mosca, pretendes comer o trabalho de teus irmãos sem partilhares das penas no serviço do Senhor, como o zangão ocioso que não trabalha nem se cança e come o mel das abelhas diligentes.»

Em seguida recommenda o trabalho a todos os que pódem trabalhar, sem exceptuar senão os enfermos. Os commentadores da Regra de S. Francisco são unanimes em asseverar que elle não impõe aqui algum preceito especial aos seus frades, mas apenas se limita a dar-lhes conselhos, avisos e exhortações sobre a lei do trabalho, commum a todos os homens.

Finalmente, a lei religiosa, social e moral do trabalho pesa sobre o rico e sobre o pobre.

O que é o rico e o que é o pobre na ordem economica? Chama-se rico aquelle que possue uma reserva de valor, producto do seu trabalho pessoal ou da reserva do labor de seus antepassados; e pobre o homem despojado de valor realisado, e reduzido, por isso mesmo, a pedir ao trabalho actual o pão quotidiano.

E' evidente que o rico que vive das economias que elle realisou, come o seu pão e cumpre a lei do trabalho. Mas acontecerá o mesmo áquelle que nada produz e sómente consome o valor que recebeu dos seus antepassados? Este, não come, acaso, o pão dos outros, embora seja proprietario legitimo dos valores que possue? E' condição do trabalho ser vivo e pessoal; se o rico preguiçoso vive de um trabalho sem personalidade, e de um trabalho morto, ainda que não lese os direitos individuaes de ninguem, vai, todavia, d'encontro a esta lei e á justiça social, ao mesmo tempo que transgride a lei divina e a lei moral. Este rico esquece-se de que, se o homem tem direito a receber do passado o valor economisado, tem ao mesmo tempo, em virtude da perennidade do trabalho, o dever de deixar ao futuro valores novos; porque dá-se com o trabalho o mesmo que com o sangue: não é licito a ninguem empobrecel-o por sua propria culpa.

Ninguem, portanto, fica isempto do dever social do trabalho. O pobre pede-lhe o direito de comer; o rico a faculdade de chamar seus e de ligar á sua personalidade os bens que recebe da sociedade, e de lhe restituir o que recebeu d'ella primeiro.

Um volver d'olhos sobre a justa repartição do valor do trabalho porá esta obrigação na mais completa evidencia.

(Continúa).

A Minha Palmeira

Minha Palmeira algum dia
De lirios, goivos dobrados,
De mil flores enlaçados
Vossos palmitos tecia:
Nas palmas postos ouvia
Os suaves cisnes do Tejo;
Mas que mudada vos vejo
O' gloria d'estes paizes!
Ao sol vos poz as raizes
Um Ribeiro malfazejo.

Melpomene,
chorando a perda da sua Palmeira.

O FIM ULTIMO

Eu para que nasci? Para salvar-me.
Que tenho de morrer é infallivel.
Deixar de ver a Deus e condemnar-me
Triste cousa será, porém possivel!
Possivel! e rio, e durmo, e quero divertir-me?
Possivel! e tenho amor ao visivel?
Que faço, em que me occupo, em que me encanto?
Louco devo ser, pois não sou santo.

Lopo Veiga.

Varia

BIBLIOGRAPHIA

Canticos da Congregação Marianna Portuense, por Illidio José Vieira da Costa, presbytero, conego honorario da Sacrosanta Basilica Lauretana fundador e director da mesma Congregação. — Porto, typographia de M. Luiz de Sousa Ferreira — Rua das Flores — 1895.

E' um pequenino folheto em que o snr. conego Illidio compendiou um numero de canticos devotos, proprios para as solemnidades que teem logar nas congregações, sobretudo da juventude. Contem 15 canticos a Nossa Senhora e a varios Santos.

Um congresso esplendido

Foi imponente e importantissimo o Congresso da Ordem Terceira de S. Francisco, celebrado em Assis nos dias 10, 11, 12 e 13 de outubro proximo passado.

Leão XIII, que por mais de uma vez tem dito que a sua reforma social é a Ordem Terceira, tem sido a alma dos 5 congressos franciscanos que ha tres annos a esta parte se téem realisado. O que teve logar em Turim, no anno passado, foi coroado com um exito felicissimo. A Italia começou a sentir, sobretudo ao norte, que uma nova aurora de paz ia raiar sobre ella, com a celebração dos congressos d'aquella ordem que no seculo treze poz fim ás guerras intestinas dos guelfos e gibelinos.

Para celebrar o centenario de Santo Antonio, os valorosos membros da Ordem Terceira em França entenderam que o melhor meio seria convocar um congresso. Este verificou-se em Limoges, terra santificada por muitas vezes com a presença e prégação do grande Thaumaturgo. Mas o congresso de Assis em nada foi inferior aos que o precederam, antes, pelo contrario, o numero e illustração dos congressistas, os altos personagens que n'elle intervieram, os brilhantes discursos, todos praticos, que n'elle se proferiram, e até a fama e a santidade do logar em que foi celebrado tornou o, por sem duvida, memoravel na historia da Ordem Terceira, que é uma pagina gloriosa dos annaes da S. Egreja, e uma bella demonstração do espirito christão activo.

Para estimulo e edificação dos Terceiros de Portugal diremos alguma cousa, a modo de chronica, sobre este memoravel congresso.

1.º dia, quinta-feira, 10 de outubro.—Na grande basilica de S. Maria dos Anjos, desde as primeiras horas do dia uma multidão enorme, compacta, mas religiosa, esperava com anciedade a abertura solemne do congresso. O templo, já de si bello e magestoso, como obra que é do celebre architecto Vignola, estava adornado com arte, gosto e pompa por um distincto armador de Perusa.

A' hora préviamente marcada, celebrou pontifical Monsenhor Federico Foschi, arcebispo de Perusa. Ao evangelho subiu ao pulpito Mgr. Nicanor Priori, bispo d'Assis, que recitou uma doutissima homilia adaptada á circumstancia. O seu thema foi este: *A Ordem Terceira e a paz do individuo, da familia e da sociedade.* Estavam presentes 16 bispos, dois dos quaes residem no Vaticano: Mgr. Cassetta, esmoler de Sua Santidade, e Mgr. Rinaldi, substituto do secretario d'Estado.

Entre os leigos catholicos notavam-se: o incansavel Leão Harmel, o grande industrial francez, o bom pae dos operarios, como lhe chamam em França e presidente da Commissão permanente para a celebração dos congressos da Ordem Terceira na Italia; o conde Carlos Santucci, conselheiro municipal e provincial de Roma; o advogado Parlati, de Napoles; o advogado Borgheri, presidente da commissão eleitoral da Toscana; o dr. Philippe Meda, de Milão; o comm. Tolli de Roma; o snr. Januario Paci, o professor De Rosa-Rullo, de Napoles, etc., etc.

Em logar designado, assistiam com o seu habito proprio representantes dos Terceiros de Assis, de Carrara, de S. Maria dos Anjos, de Novara, de Roma, etc.

Abertura.—Pelas 4 horas da tarde teve logar a abertura solemne. A nave central da basilica de S. Maria dos Anjos foi reduzida á fórma de um enorme salão. Em frente da capella da Porciuncula, adornada por Ovverbek, elevava-se o palco da presidencia, tendo ao lado os bustos de Pio IX e Leão XIII, os dois grandes Terceiros dos ultimos tempos. Mgr. Foschi recitou as preces da abertura e o rev.mo P. Luiz de Parma, ministro geral da Ordem, assumiu a presidencia effectiva do congresso, tendo aos lados o conde Santucci, o comm. Tolli e o P. Antonio de Trobaso, franciscano, vice-presidente. Achavam-se representados 25 jornaes catholicos, alguns liberaes e a Agencia Stefani.

Então o rev.mo P. Luiz de Parma leu o discurso da abertura, sendo interrompido frequentemente por vivos applausos, e no fim saudado com uma verdadeira ovação.

Em seguida a assembleia ouve, de pé e religiosamente commovida, a leitura do breve do S. Padre dirigido a Mgr Priori, bispo d'Assis, presidente honorario:

LEÃO XIII, PAPA

Veneravel Irmão, Saude e Apostolica Benção.

Assim como para Nós é de grato conforto vêr que por toda a parte se celebram congressos catholicos de todas as especies, egualmente sentimos singular prazer vendo que se renovam os Congressos Franciscanos da Ordem Terceira. Quanto Nós amamos uma tal instituição e quantas vantagens esperamos d'ella para a sociedade humana, attestamno largamente as obras por Nós realisadas para o seu incremento e esplendor.

As Nossas esperanças no proximo Congresso téem bem solido fundamento, porquanto elle se reunirá em torno dos sagrados despojos do Patriarcha S. Francisco. Com effeito, é natural que, com a recordação e com a presença, por assim dizer, do Santo Patriarcha, se avivem os desejos de praticar aquelles ensinamentos que elle dictou por divina inspiração.

E Nós, para augmentar a vossa satisfação e assegurar-vos um exito cada vez mais feliz aos vossos trabalhos, de bom grado, com a benção apostolica, vos abrimos os thesouros da S. Igreja.

Portanto, a todos os fieis que no dia 13 de outubro visitarem as Egrejas Franciscanas de Assis ou do seu territorio, e preencherem as praxes do costume, concedemos, por uma só vez indulgencia plenaria, applicavel pelos defunctos.

Concedemos tambem que durante o Congresso se dê a benção apostolica ou por Vós, Venerando Irmão, ou por algum membro do Sacro Collegio que estiver presente; isto porém, uma só vez.

Augurando todas as felicidades ao vosso Congresso,

a Vós e a todos os que n'elle tomarem parte concedemos a benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro a 5 de setembro 1895, 18.º anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Em seguida foi expedido ao Cardeal Rampolla um telegramma de agradecimentos e felicitações; procedendo-se depois á leitura de innumeraveis adhesões de Cardeaes, Bispos, associações etc., etc.

O P. Antonio de Trobaso sobe á tribuna e lê a estatistica da Ordem Terceira na Italia. A sua palavra fluída e cheia de fogo, revela n'elle o orador provecto e o apostolo incançavel. Diz que o numero de Terceiros na Italia deve infallivelmente ser superior a 700:000.

Apoz elle diz algumas palavras em francez o Rev. P. Julio do Sagrado Coração, Commissario Geral da Ordem Terceira em França. E' portador das congratulações dos Terceiros da França, e faz votos pela concordia no bem das duas nações irmãs. Termina a 1.ª sessão.

2.º *dia.* — Sessão da manhã. Abre a sessão o Rev. P. Thiago de Castelmadama com um douto discurso sobre o espirito da Ordem Terceira. Segue-se-lhe o Rev. P. Venancio de Lago Santo, capuchinho, leitor theologo; trata das virtudes proprias dos Terceiros; humildade, desprendimento do mundo e mortificação.

O mundo que se funda nas tres concupiscencias, será salvo pela Ordem Terceira, pura, santa, verdadeira atmosphera em que o homem póde viver. A este mundo novo accodem as almas cançadas das infamias de que a terra está cheia.

Sobe depois á tribuna o advogado Scala, de Turim, saudado por enthusiasticos applausos. De mediana estatura, mas robusto, o olhar penetrante, voz forte e phrase incisiva apresenta no seu conjuncto o aspecto marcial d'um homem acostumado á lucta. Fallou pouco, apenas doze minutos. E' portador ao Congresso das felicitações de Turim; não da Turim maçonica, mas da Turim Terceira. Vem de Roma, onde teve uma audiencia particular do Papa, que lhe fallou do actual congresso; e dos seus olhos viu scintillar uma luz celestial que revelou ao orador toda importancia que o Papa dá á Ordem Terceira. Esta deve organisar-se debaixo das ordens do Papa; deve formar como um poema, do qual cada convento franciscano deve ser uma estrophe, cada frade um verso e cada terceiro uma letra. Todo o poema deve ser dividido em tres canticos, cada um dos quaes deve representar um terço da Italia; tres canticos que se repitam em tres congressos annuaes regionaes; alta, media, e baixa Italia; emquanto que o poema inteiro deverá ser cantado no côro de um congresso geral, celebrado de quatro em quatro annos.

O orador propõe um voto n'este sentido. E' indiscriptivel o enthusiasmo que provocou o advogado Scala com este discurso.

Teve em seguida a palavra o conego D. Melchior Barberis, em nome dos Terceiros de Novara, com cujo discurso se encerrou a sessão da manhã.

A's 4 horas da tarde proseguem os trabalhos do Congresso. Tem a palavra o Rev.º P. Ignudi, conventual.

O seu thema é este: a Ordem Terceira e a piedade religiosa, especialmente no culto da Paixão de Nosso Senhor, da Eucharistia, e da Immaculada Conceição. A piedade é util para tudo. A Ordem Terceira, não póde attingir nenhum dos seus altissimos fins sem a piedade; deve ser devota da Paixão, da Eucharistia e da Virgem Immaculada; tres devoções connexas e que ella deve propagar no povo.

O advogado Rufo Ermini lê um discurso do P. Julio do Sagrado Coração. Expõe o que os Terceiros teem feito n'estes ultimos tres annos em França. Narra como dois padres capuchinhos, comparecendo n'uma reunião socialista, obtiveram muitos adeptos, que convertidos em fervorosos terceiros, se teem multiplicado por tal forma que hoje superam o numero de vinte e cinco mil; um exercito activissimo.

Falla em seguida o conego Procracci, de Roma, sobre o thema: propagação da Ordem Terceira e formação dos seus membros.

O Conde Carlos Santucci dá leitura aos votos approvados nas sessões, relativas á primeira parte do programma. São 8, entre os quaes um concernente á adoração quotidiana. Propõe o voto do advogado Scala para se constituir uma delegação permanente em Roma, com doze membros residentes nas provincias. Esta delegação será presidida por um membro delegado dos quatro geraes franciscanos, por turno. O fim d'esta delegação é organisar a Ordem Terceira, preparar um Congresso Geral todos os quatro annos e um regional cada anno. E' approvado.

Tem a palavra o advogado Carlos Sognori, de Roma.

O seu thema é: um modo facil e popular para convencer os incredulos; é o milagre.

Mgr. Eugenio Clari falla de Santa Rosa de Viterbo, vê n'ella o typo do Terceiro moderno que deve combater afim de que o seculo seja o seculo da fé. E' muito applaudido pela assembleia.

3.º *dia.* — Começa o Rev. P. Antonio de Trobaso. Falla sobre a organisação da Ordem Terceira assim nas suas congregações como nas relações com a Primeira Ordem e insiste sobre a força da unidade. Quer que a Primeira Ordem não se occupe sómente da sacristia, mas que penetre na sociedade, como na edade média, quando as instituições franciscanas eram instituições patrioticas, operarias e sociaes (*applausos*). Assim será mantida a unidade com a Primeira Ordem. As varias congregações da Ordem Terceira devem unir-se entre si, quer directamente, quer por meio de delegações permanentes das quaes devem receber a palavra d'ordem e o impulso operativo. Quando estiverem organisadas em poderoso exercito combaterão com successo. Entrarão nos municipios, nos conselhos provinciaes, etc., (*applausos*). Elle, amantissimo da patria, invoca o dia, no qual, mudadas as condições politicas se acabe o *non expedit*, e os Terceiros possam entrar no parlamento e communicar á legislação o salutar e sempre novo halito franciscano (*applausos prolongados*). No entretanto, os Terceiros bem disciplinados precisam, como christãos, de combater os incredulos, e, como patriotas, combater o estrangeiro; e hoje o estrangeiro da civilisação e da patria é, grita o orador, o sectario (*duplicada salva de applausos*). Não haja, pois, demora em sahir a campo e gritar: fóra o estrangeiro (*ovação*).

Tem a palavra o Commendador Tolli. O martello de S. Francisco, diz, abateu o vicio da edade média, e a sua obra foi luminosa em todos os tempos. A Ordem Terceira deve attender em primeiro logar á sanctificação dos seus membros. Ora, todas as associações catholicas teem um fim congenere ao da Ordem Terceira, porque todas ellas ou a ella se encaminham directamente ou a suppõe (*Bem*). Mas a Ordem Terceira é o *substractum de todas as sociedades catholicas, o principio gerador de todas, a porta pela qual se entra em todas.* Cita o exemplo de muitos que adversos primeiro ás sociedades catholicas as abraçaram voluntariamente depois de terem cingido o cordão da Ordem Terceira. Nem póde ser d'outro modo, visto o espirito que a anima; e que por isso recommenda calorosamente. *(E' muito applaudido).*

Sobe á tribuna o advogado Borgheri Ciarra, representante da congregação de Terceiros de Ognissanti, em Florença. Affirma que as obras catholicas, devem derivar, geralmente fallando, o succo vital da Ordem Terceira, que com ellas deve cooperar efficazmente. Mas é necessario descer á pratica, e a particulares. (*Bem*). Vivendo, ha quarenta annos, nas sociedades de S. Vicente de Paula, e tendo, por isso, de tratar com todas as classes sociaes, experimentou que a religião está nos labios de muitos, mas no espirito de poucos; e isto não por falta de boa vontade ou de coração mas por falta de instrucção. Alguns pobres a quem visitou não sabiam que queria dizer o signal da cruz. Os prégadores fallam dos mysterios da fé, das bellezas da Religião, mas por causa da ignorancia não são comprehendidos. As almas da maior parte são como rochedos aridos, sobre os quaes é necessario lançar a primeira terra para depois se poder semear. Os Ter-

ceiros devem empenhar-se com a imprensa e com as escolas de toda a especie, em propagar a instrucção elementar religiosa. Elles devem ir onde não chega o padre, devem ensinar aquelles que não vão á doutrina, aos operarios. Este discurso, iminentemente pratico, produziu viva sensação no auditorio.

E' concedido o uso da palavra ao Rev. P. Estevão Ivancich, definidor geral da Ordem Terceira Regular. O seu thema é: *a imprensa e a escola, em relação á Ordem Terceira.* Fez um brilhante discurso, que foi muito applaudido.

Sobe depois á tribuna o advogado conde Santucci, e uma estrondosa salva de palmas saúda o homem que é um prodigio de actividade e a quem é devido, em grande parte, o congresso. O orador, com voz harmoniosa, clara e forte falla sobre *As relações da Ordem Terceira com o papado.* O seu thema é ao mesmo tempo dos mais importantes e dos mais difficeis. Diz que não recordará os beneficios do papado á Ordem Terceira, que teve a gloria de possuir dois Papas legisladores, Nicolau IV e Leão XIII, mas exporá os deveres da Ordem Terceira para com o Papa. Nós, como catholicos, devemos ao Papa fé religiosa, como italianos devemos-lhe amor, porque elle é a melhor gloria que possue a Italia nossa patria (*applausos*); mas como Terceiros Franciscanos, devemos-lhe alguma coisa mais. S. Francisco, como indicam as regras da primeira e da terceira Ordem, fundou as suas instituições sobre a obediencia absoluta ao Papa. O que nós lhe devemos não é obrigação commum a todos os catholicos, mas alguma cousa particular e proprio só de nós. Nós somos os soldados escolhidos para a defeza do Papa, e devemos cumprir o nosso dever até ao martyrio (*applausos*). E isto não nos deve ser penoso, porque o Papa não só é a maior instituição humana, mas é o maior beneficio de Deus. Depois da Redempção e da Eucharistia, vem o Papa, que é a palavra viva de Deus (*applausos*). O Papa salvou a civilisação europeia e toda a nossa sociedade. Defendeu com intrepidez a santidade do matrimonio, não duvidando, para a salvar, perder uma nação inteira. Hoje, o mundo inteiro está voltado para o Papa, de quem espera unicamente a salvação; e nós devemos ser os primeiros a voltar-nos para elle. N'uma circumstancia recente que a historia não esquecerá jámais (*applausos*) o Papa fallou e nós devemos escutal-o.

Estando com o Papa sabemos que cumprimos o nosso dever; *sabemos que fazemos bem ao povo; porque o Papa está com o povo* e não com aquelles que contra o povo se armam de canhões (*applausos prolongados*). Luctando com o Papa e pelo Papa, luctamos pelo futuro; porque o Papa não vive do passado que ha de voltar, mas olhando o seculo futuro diz: eu o salvarei, como tenho salvado os dezenove seculos que hão passado (*applausos*). Devemos em toda a parte estar com o Papa e conduzir para elle todos os italianos.

Uma ovação enthusiastica coroa o discurso de Santucci.

O P. Antonio de Trobaso lê os votos approvados nas sessões anteriores, entre os quaes se nota este: formar nos institutos catholicos, luiginos, salesianos, etc., jovens para a Ordem Terceira.

Falla, por ultimo, Mgr. Foschi, arcebispo de Perusa. Dirá ao Congresso o que disse o cardeal Ugolino, vendo o capitulo das *Esteiras: eis aqui o campo do Senhor!* Vós sois verdadeiramente este campo, e abençoado seja o campo do Senhor! Mas dir-vos-ei ainda uma outra cousa. Acabo de receber n'este momento a *Italia Reale*, e leio n'ella que os Terceiros estão aqui reunidos em Assis *para se afervorarem no cumprimento da sua missão n'este fim de seculo.* Qual seja a missão dos Terceiros n'este declinar do seculo já vol-o disseram os illustres oradores. Eu só desejo afervorar-vos. O primeiro afervorado foi Jesus Christo que por amor das almas deu a vida; após Elle veem os Santos, e, no seculo XIII, S. Francisco, cujo fervor que teve aqui em Assis a sua sublime manifestação, foi admiravel. Afervorai-vos, pois, e ao sair d'este Congresso correi a combater o vicio e a conquistar as almas. Este discurso foi breve mas eloquentissimo e muito applaudido. Encerrou-se a sessão da manhã.

Sessão da tarde. — A's duas da tarde teve logar uma bella novidade, que foi uma sessão só de senhoras. A senhora Luiza Fasola, da Congregação dos Terceiros de Florença fallou, como sabe fazel-o uma senhora illustradissima e cheia de sentimento, sobre os deveres da mulher na familia e na sociedade, merecendo repetidos applausos.

Estes redobraram quando o P. Antonio Trobaso e o commendador Tolli, que assistiam com alguns jornalistas á sessão, apresentaram á oradora um alfinete representando a mesa onde S. Francisco comeu a primeira vez com os seus doze discipulos.

A's quatro e meia começou a sessão publica, com o discurso estupendo do dr. Meda, de Napoles; discurso que esperamos apresentar em breve aos leitores da *Voz de S. Antonio* e sobretudo aos Terceiros.

Após o dr. Meda foi dada a palavra ao commendador Parlati que desenvolveu o thema: *A Ordem Terceira medianeira da paz nas discordias gravissimas que o nosso seculo deixa por herança ao seculo futuro.*

Começou dizendo que aqui, n'esta aula, se respira um perfume de verdadeira democracia; que, postos de parte os altisonantes titulos, não sempre merecidos, não se ouve senão a palavra *irmão;* essa palavra que ensinada a primeira vez por Christo, teve um apostolo fervoroso em Francisco de Assis, que destruiu a nobreza feudal, novo paganismo, que intentava abater a civilisação christã. Hoje a sociedade está em crise e sujeita á prova do fogo, mas tudo faz esperar o completo triumpho de Christo. Mesmo nas aspirações da sociedade presente á egualdade e á communhão de bens, é licito descobrir, no fundo, a vontade de Deus, que não quer injustiças sobre a terra. A questão social, mais do que uma questão de estomago, é uma questão religiosa e moral e aquelles que pretendem resolvel-a sem Deus enredam-se n'um circulo vicioso, porque, mau grado seu, a sociedade, que tem fome de Deus, corre-lhe ao encontro.

Leão XIII indicou o caminho seguro para chegar á solução da questão social, e a ella deve concorrer a Ordem Terceira, que é a pratica do Evangelho.

Commentou as invocações: *com Deus com o Rei, pela Patria,* d'um modo soberbo. Concluiu com um vôo poetico dizendo que pela acção e pela nossa obra chegaremos a ver arvorado no alto do seculo que em breve surgirá, o grande symbolo franciscano: os dois braços unidos de Deus e do povo, coroados pela auriflammante palavra *Pax.* Uma estrondosa e prolongada salva de palmas acolheu a peroração, que foi digno epilogo de todo o discurso.

Falla depois o professor Torregrossa, desenvolvendo um thema similhante ao do precedente, mas com applicação particular á Sicilia, patria do orador. E' muito elogiado. Por ultimo, o terceiro De-Rosa Rullo da universidade de Napoles, e Mgr. Elvizio Pagliari, bispo de Espoleto, pronunciam eloquentes discursos, muito applaudidos, com os quaes se encerra a sessão.

4.º e ultimo dia. — Communhão Geral em todas as Egrejas de Assis. Peregrinação aos sanctuarios de S. Francisco. De tarde, pelas 4 horas, encerração do Congresso. Discursaram: Leão Harmel, Mgr. Granelli, o bispo de Espoleto, o presidente e os vice-presidentes. Enviou-se um telegramma ao Papa, e por ultimo foi cantado um solemne *Te-Deum* com benção do SS. Sacramento.

Em todos os dias do Congresso o concurso de povo foi grande, mas no ultimo dia, domingo, em que a natureza parece ter querido concorrer para abrilhantar tão bella solemnidade, enviando um sol esplendido, a multidão que se juntou em Assis foi extraordinaria. Calcularam-se approximadamente trinta mil pessoas de todas as edades e condições. Só na basilica de S. Maria dos Anjos commungaram n'esse dia oito mil pessoas; e mais de outras tantas nos diversos sanctuarios da cidade. A peregrinação, partindo da Porciuncula era imponente! Não havia alli distincção de classes, sómente de côros, de orações. Uns cantavam as ladainhas dos santos, outros a de Nossa Senhora; estes rezavam o terço, aquelles os psalmos penitenciaes, etc. A cruz processional era levada por irmãos terceiros que se revesavam, vestidos com o seu habito cinzento. Apenas subidos

á cidade, entrou o cortejo na basilica papal de S. Francisco, onde os seus filhos tiveram occasião de venerar o sepulchro que encerra os despojos de tão glorioso pai. Recebida a Benção do SS. Sacramento, desfilou de novo a procissão para a Egreja e convento de Santa Clara, hoje habitado por franciscanos. E' n'esta Egreja que se venera o crucifixo que fallou a S. Francisco e innumeras reliquias de Santa Clara e dos companheiros do Seraphico Patriarcha. Aqui foi dada tambem a Benção com o SS., continuando a peregrinação na sua derrota para a Cathedral de S. Rufino, onde se conserva a pia baptismal de S. Francisco. Á porta, era esperada por todo o pessoal da Cathedral e Rev.mo Cabido. Concluida a visita e dada a benção com o SS. dissolveu-se aquella imponente manifestação. Mas não acabou aqui o fervor enthusiasta dos devotos peregrinos. A's quatro da tarde os congressistas deviam reunir-se em sessão privada; mas a devoção de tantos milhares de fieis excedeu algum tanto os limites da conveniencia, e como onda invasora, penetrou, quasi á força na aula onde se achava reunida a assembleia. Tanta era a avidez que experimentavam de ouvir entoar ainda mais uma vez, as glorias do Pobresinho de Assis, do Grande Pacificador das nações e Restaurador social, por meio das tres ordens que fundou.

Gloria a Deus! Gloria a Francisco de Assis, gloria aos promotores da paz e do bem por meio dos congressos franciscanos da Ordem Terceira.

Esta breve chronica do Congresso de Assis seja um exemplo e um estimulo para os Terceiros em Portugal, onde se contam tantas confraternidades da Terceira Ordem. Estas, bem organisadas, — creiam-no todos sem a menor duvida — são o meio mais poderoso para a regeneração religiosa e politica da nossa sociedade. Disse-o Leão XIII, disse-o Pio IX, disse-o Nicolau IV, tem-no dito todos os papas que fallaram da Ordem Terceira, disse-o até Pedro delle Vigne, o digno ministro de Frederico II, que temia mais a Ordem Terceira, que um grande exercito bem aguerrido. Mas Pedro delle Vigne experimentou até á evidencia que *franciscano* quer dizer *pacifico;* e ainda que seja *guelpho* isto é *papal*, como S. Francisco, não conjura senão á pacificação do mundo e á verdadeira defesa da patria contra os mais feros inimigos do nome christão e social.

Convencidos da necessidade de restaurar a sociedade pela Ordem Terceira, a *Voz de S. Antonio* abrirá no proximo janeiro uma secção nova, destinada a excitar em Portugal o movimento da Ordem Terceira, explicando a sua regra, constituições, privilegios, graças, indulgencias, etc., etc.

Tomamos, por isso, a liberdade de chamar desde já a attenção, para este facto, de todos os terceiros já existentes e dos que desejarem sel-o, mas que não conhecem as suas obrigações, que julgam muito pesadas, quando aliás são levissimas. E' o perfeito viver christão e nada mais.

Em especial pedimos a attenção dos Rev.os commissarios da Ordem Terceira e dos Rev.os ecclesiasticos que teem faculdade para admittir á mesma ordem.

Carta de adhesão de Augusto Conti ao congresso da Ordem Terceira de S. Francisco

Rev. Padre:

Grande honra me faz o Rev.mo P. Geral, Luiz de Parma, manifestando-me por meio de V. R. meio efficacissimo) o desejo que eu compareça, no mez de outubro, no Segundo Congresso Internacional Franciscano; honra esta que sobe de ponto com o convite simultaneo e concorde do snr. conde Santucci, vice-presidente. Ah! que prazer seria para mim, que celeste graça, achar-me em Santa Maria dos Anjos, junto de Porciuncula, no meio de tão veneravel assembleia para glorificar o nosso Grande Patriarcha S. Francisco! Mas exactamente nos mesmos dias do Congresso achar-me-hei occupado com os exames no Instituto dos Estudos Superiores, e com a preparação de um discurso para a Academia da Crusca em honra de Tasso; preparação que se me torna muito mais difficil e demorada, pelo meu padecimento dos olhos. Queira, pois, V. R. referir tudo isto ao Rev.mo P. Geral, se assim lhe parecer opportuno, e ao mesmo tempo apresentar-lhe em meu nome os mais vivos, cordeaes e gratos agradecimentos.

Além d'isso, se ao sobredito Rev.mo P. Geral, e ao snr. conde Santucci parecer conveniente registrar nas actas do Congresso a minha grata e reverente adhesão a tudo quanto se fizer em homenagem ao Sublime Pobre, que tanto amou Jesus Christo e tanto se empenhou na salvação dos homens, ficar-lhes-hei por tal motivo summamente obrigado, ainda que me reconheço indigno de tanta honra.

Já li na cara cidade de Assis, a quem o humilde Seraphim deu, chorando, o ultimo adeus, um discurso por occasião da inauguração da estatua do Seraphico Patriarcha, feita pelo Dupré. E por essa occasião obtive dos Padres Franciscanos de Santa Maria dos Anjos, a graça de dormir uma noite em uma das cellas d'aquelle amavel convento. Não esquecerei nunca a consolação que eu experimentei então; nem, graças a Deus, me esqueci nunca de me mostrar devoto do nosso Patriarcha. Publiquei, em homenagem ao mesmo, aquelle meu discurso, com alguns additamentos no volume *Religione e Arte*, Colonna dei Ricordi Nazionali.

Com todo o affecto me subscrevo

De V. R., P. Leitor Razzoli
Devotissimo,

Augusto Conti.

Desaggravo edificante

N'uma igreja de Valença (Hespanha) commetteu-se um horrivel sacrilegio; roubaram dous vasos sagrados que continham cerca de trezentas particulas consagradas. Suspeita-se que isto foi obra da Maçonaria que se quiz servir das sagradas formas para seus infames intentos. A noticia de tão execrando attentado, voou rapida por toda a cidade, e foi geral a consternação. Na tarde d'esse mesmo dia, *trezentos estudantes* catholicos se apresentaram na igreja do convento da SS. Trindade, onde estava o Santissimo exposto, para protestar contra semelhante sacrilegio com um acto publico e solemne de reverencia, respeito e amor.

Prostrados de joelhos ante Jesus Sacramentado, um d'elles leu um fervoroso protesto em desaggravo de acção tão impia e depois com os braços em cruz rezaram a estação, a que se uniram as religiosas do convento e demais povo que apinhava o templo.

Tão edificante espectaculo arrancou dos olhos de muitos circunstantes ternas lagrimas que se uniram ás preces dos piedosos mancebos.

Sessão parlamentar no paraizo

De Raymundo Brucker, que successivamente foi operario, jornalista, poeta, romancista, tribuno, apostolo da fé, que passou por todas as phases do erro até ser catholico, se conta a seguinte e interessante anedocta que visa ao systhema parlamentar detestado por elle.

Ouçamol-o:

Um dia, senhores, o bom Deus reuniu o corpo legislativo dos anjos e lhes submetteu o orçamento da creação.

Eu queria, lhes diz, crear o mundo; é pois necessario contar com certas despezas. E antes de tudo queria dar sete côres ao arco iris. (*Murmurios á esquerda e ruido no centro.*)

Um membro da esquerda pede a palavra, e prova que é mais rasoavel e economico dar-lhe uma só côr. (*Apoiado.*)

Desejava ainda, diz Deus, crear a rosa, e para que sahisse mais bella e formosa, dar-lhe cem folhas. (*Protestos á esquerda, murmurios no centro e ruido na direita.*)

Um membro da direita arenga que algumas folhas são bastantes para a perfeita belleza da rosa. (*Esta emenda é acceite*).

Deus propõe, emfim, o orçamento do culto: Preciso

de tantas igrejas, de tantos bispos, parochos, sacristãos etc. etc. (*Tempestade desencadeada na sala das sessões, vozeria e protestos universaes*) O orçamento do culto foi rejeitado.

Então Deus indignou se e decretou a creação.

O governo de Crispi

O conselho de Estado de Italia acaba de dar uma boa licção ao Governo de Crispi, decidindo um pleito movido contra a obra Pia dos Pharmaceuticos de Roma, em favor d'estes ultimos, sendo-lhes por isso restituidos seus bens, de que injustamente se havia apossado.

Baptismo de uma princeza

Desde que o Protestantismo se estabeleceu na Dinamarca, nunca ao depois este reino presenciou um acto religioso, como o baptismo da princeza Margarida, filha de SS. AA. o principe Waldmar e a princeza Maria.

Este sacramento foi administrado com toda a pompa religiosa pelo bispo de Anastaziapolis, Mons. Ench, vigario apostolico da Dinamarca e Islandia, na presença de toda a familia real, os monarchas, seus filhos, a imperatriz viuva da Russia, os reis da Grecia, a princeza de Galles, a princeza de Joinville que foi a madrinha, o duque de Chartres, que foi o padrinho, e a princeza Margarida d'Orleans.

A catholica princeza recebeu o nome de Margarida Francisca Luiza Maria Helena.

Sino monstro

Foi offerecido pela Saboia ao S. Coração de Jesus um sino que mede tres metros de altura e cuja base tem de espessura 0,^{m}22. O seu peso é de 17:500 kilogrammas. Temeu-se que o caminho de ferro não supportasse tanto peso, mas, afinal julgou-se que podia e doze juntas de bois e tres cavallos o transportaram até á estação de Annecy. Já está em Montmartre, onde se trabalha na construcção de uma torre de 100 metros para o collocar. Chama-se este sino a *Savoyarde*.

Conversão de Dianna Vaughan

Não eram vãs as esperanças que mantinhamos, quando em agosto diziamos, que esta furibunda filha da maçonaria, auxiliada da graça Divina, bem depressa entraria no Aprisco do Divino Pastor.

Não era ainda então terminada a obra de sua conversão; sua fé era vacillante e seu espirito assemelhava-se a mar tempestuoso de encontrados sentimentos. Mas o empenho que poz em procurar a verdade era sincero e os meios eram efficazes. Quando o desalento lhe diminuia o animo ou as sombras da duvida lhe toldavam o espirito voltava-se para a Virgem que sua lingua havia blasphemado ou para sua portectora Joanna d'Arc, afim de lhe alcançarem de Deus a paz que em seu coração não sentia. N'este mesmo intuito pagava a viagem a devotos peregrinos para que fossem a Lourdes orar por ella ante o altar da Virgem, e a Virgem, mostrou pela cura maravilhosa de um d'estes peregrinos, enfermo de tuberculose pulmonar, que acolhia benigna os seus ardentes votos.

Tantas orações e preces não foram baldadas, e Miss Diana Vaughan é hoje inteiramente catholica. As sombras que annuviavam seu espirito desappareceram e sua fé é pura como a d'um verdadeiro crente. Essa luz que ella tanto pedia a Deus, a luz da fé, allumiou-lhe seu espirito e no sacrificio dos nossos altares já não vê o que ella dizia *hostia branca*, mas o verdadeiro Deus.

Já fez a sua primeira communhão. Foi grande o fervor e devoção com que recebeu pela vez primeira Aquelle que tanto havia aborrecido e que de coração detestava. No dia seguinte a este grande dia, exclamava ella: — «Pintar o estado de minha alma desde hontem, é impossivel. Desejava morrer, emquanto sou feliz, sim morrer, se Deus me não ordenasse a luta... Emfim eu não pertenço a mim mesma; Deus disponha de sua serva, como fôr de seu agrado».

A luta contra a maçonaria já a encetou, e prometteu combatel-a a todo o transe. Esperamos que as suas *Memorias* forão muita luz sobre os mysterios da seita nefanda.

Vingança de um capuchinho

O P. Maria Antoine é um dos typos mais originaes e mais populares da França. Gosa da fama de verdadeiro apostolo pelas suas prégações verdadeiramente apostolicas.

D'elle se contam em Tolosa muitas e engraçadas anedoctas, e entre as mais galantes figura a seguinte:

Um bello dia passeava o bom do Padre n'uma das ruas da dita cidade, quando se cruzou com elle um operario que cantava uma copla burlesca muito popular no meio-dia da França: — «*Père Capucin, confessez ma femme*» — (Padre Capuchinho, confessai minha mulher).

Quando o P. Maria Antoine ouviu estas palavras, deu meia volta e foi em seguimento do operario, o qual ao notar isto, pretendeu esquivar-se a tão desagradavel companhia. Cruzava ruas, enfiava-se por beccos, entrava nas praças, dava voltas e mais voltas; mas debalde, porque a delgada e sympathica figura do frade sempre o seguia. Cansado emfim de perseguição tão teimosa, entrou n'um predio e subiu apressado as escadas que levavam ás aguas furtadas. Mas o Padre seguiu-o e entrou tambem.

Espantado de semelhante proceder, pergunta-lhe bruscamente: — Que quer? — Que quero; não me pediste que confessasse tua mulher? — Vamos, quero confessal-a. — O operario soltou uma gargalhada, mas não poude desembaraçar-se do frade, que persistia no seu empenho.

Ao fundo da mansarda sobre uma velha enxerga gemia uma pessoa; era a mulher do operario já moribunda. O religioso approxima-se do logar onde jazia o moribundo e vê que esta chorava. Porque chora? pergunta-lhe o bondoso Padre. E ella com voz debil e entrecortada de soluços, diz: Meu Padre, quando eu esperava morrer sem sacramentos e sem um sacerdote que me consolasse n'estes ultimos momentos de minha vida, vejo que Nosso Senhor não se esqueceu d'esta pobre peccadora, e que vos envia para me confessar... confesse-me meu Padre, porque morro. — O sacerdote confessou-a e quando terminou a confissão viu com grande assombro que o marido, com lagrimas nos olhos, o rogava para que tambem o confessasse. A graça havia operado sobre este coração, e o sacerdote teve a grande consolação de se vingar do seu offensor, abrindo-lhe as portas do ceu.

A esmola faz-nos felizes

O duque de Berry subia o coche para ir ao theatro, onde o esperava Louvel, quando o informaram de que uma pobre familia se encontrava sem abrigo, porque sua casa desabára.

«Dai-lhe já 500 francos, diz elle a seu fiel amigo o conde de Nantouillet.

— Mas, senhor, vossa bolsa fica vasia.

— Dai sempre, a esmola faz-nos felizes; ámanhã serei mais rico.

A'manhã serei mais rico!

E no dia seguinte, de madrugada, tocou a esperança d'uma corôa incerta e caduca por outra immortal e immarcescivel.

Porque será?

Um tribunal da França pouco suspeito em materias religiosas, investigou a que escóla pertenciam os doze mil delinquentes que todos os annos manda para as prisões do

Estado. Eis o que apurou de verdade: 11 são educados nas escolas dirigidas por religiosos ou n'aquellas em que se seguem os ensinamentos da Egreja, e 89 véem das escólas dos franc-mações e atheus, das escolas laicalisadas! Porque será? Ah! E se no paiz de S. Antonio fosse possivel tirar o ensino da juventude das mãos dos padres e do Christianismo? Isso é que era!... Teriamos 89 por 11, grandes em tudo!

As eleições e os catholicos italianos

Uma revista parisiense, depois de haver escripto sobre acontecimentos economicos e politicos do seu paiz, prosegue:

«Este partido (o clerical) não vota por ordem do Papa, nas eleições politicas; mas vota nas eleições administrativas das communas e das provincias. Contam-se já alguns conselhos provinciaes e communaes, mesmo dos mais importantes, em que o partido clarical está em maioria e muitos em que tem uma forte minoria. Mesmo em Roma, o que é peor, passou toda a lista clerical de 32 nomes; o Papa muito prudentemente, não quiz deixar apresentar numero maior. A maior parte dos liberaes só passaram depois dos clericaes.»

A isto só resta accrescentar que só por antiphrase se podem dizer *festas nacionaes*, as que a maçonaria acaba de celebrar em Roma por occasião do 25 anniversario da brecha da Porta Pia. Mais de 8:000 camaras conta o reino de Italia e só cerca de 300 se fizeram representar n'esse ultrage feito á religião e ao Vigario de Jesus Christo; as demais todas se abstiveram, e muitas fizeram energicos protestos contra semelhante attentado.

O catholicismo perece!...

N'uma recente publicação da *Propaganda Fide* se destacam os seguintes dados sobre a propagação do christianismo no globo.

No começo d'este seculo o numero dos catholicos existentes nas diversas nações protestantes da Europa era cerca de 3 milhões e meio; figurando a Inglaterra com 120:000, a Hollanda com 950:000, e a Suissa com 335:000, o resto estava disseminado pelas outras nações. Na Allemanha catholica havia 6 milhões; na Turquia europeia não excediam o numero de 250:000. N'estas condições tão deploraveis as missões catholicas do Oriente envidaram todos os seus esforços para que ahi o numero dos filhos da Igreja crescesse e se multiplicasse mais e mais. Havia então na Turquia asiatica 380:000; no vicariato da India ingleza 475:000, e na China 5 missões com 205:000 fieis. Nos Estados-Unidos contavam-se apenas 61:000, no Canadá 120:000. Na Africa eram 47:000 ao todo.

Ainda não é volvido um seculo, e já a Inglaterra conta em seu seio 1.690:021 catholicos, com 1:628 egrejas e mais de 2:000 escolas christãs. Na Allemanha os 6 milhões converteram-se em 16, sendo por isso catholica a terça parte do imperio. Na Hollanda ha hoje 1.488:852; na Suissa 1.800:409; na Russia, sem contar a Polonia que é toda catholica, 2.882:891; no Caucaso 27:000; na Siberia 24:000, emquanto que a peninsula Balcanica em vez dos 250:000, que tinha ao principio d'este seculo, conta hoje 639:781; na Turquia Asiatica e Persia subiram a 659:690.

Na India o numero dos catholicos, um lustro atraz attingiu a cifra de 1.692:397. A China tem 38 missões com 576:440 fieis.

Onde a Igreja parece ter crescido e mais se tem dilatado é nos Estados-Unidos da America do Norte. Em 1890 já lá se contavam 7:977:278 catholicos, repartidos em 13 provincias, com 181 hospitaes, 129 hospicios, 514 institutos de caridade. 3:759 escolas parochiaes, frequentadas por 580:453 alumnos; 36 seminarios, 119 collegios de meninos, 493 casas de educação para meninas, e 9:056 egrejas e capellas. No Canadá os catholicos são hoje 2 milhões. Tem uma universidade, 20 seminarios, 36 collegios, 44 escolas commerciaes e 4:765 parochiaes que ensinam 243:539 estudantes. Na America do Sul a população branca e mestiça é catholica; mas os indios são 8.297:044 catholicos, permanecendo selvagens 2.670:000.

Na Africa, a Argelia tinha no principio d'este seculo 4.000 catholicos, hoje tem 400:000, e Tunis que contava 2:000, conta já 27:000. Marrocos tem 45 missões com 38 escolas. Tambem foram creadas duas prefeituras apostolicas, uma no Sahara e recentemente outra na Eritrea africana.

Na Africa Occidental as missões estão divididas em missões do Senegal, com 12:000 catholicos, 20 igrejas e igual numero de escolas; a missão de Serra-Leoa com 2:000 catholicos 4 igrejas e 6 escolas; a missão da Costa dos Escravos, no Dahomey com 3:300 catholicos; a missão de Benim com 9 igrejas e 21 escolas; a missão do Niger Superior; a do Gabão, com 5:000 catholicos; a do Congo, que abrange 14 missões, e 6 vicariatos com 38:000 fieis. Na Africa Oriental ha 5 missões com 23:000 fieis.

No centro da Africa, o vicariato do Sudan conta 250 catholicos; o dos grandes lagos 4:850 com 54 missões.

Na Australia existem 859:460 catholicos; teem 5 arcebispos, 21 bispos, 715 sacerdotes e 1:709 igrejas.

Na Polinesia ha 11 prelados, 163 missionarios, e 90:900 catholicos.

Eis aqui em largos traços a obra grandiosa das missões catholicas, onde se manifesta de um modo evidente e palpavel a pujante vitalidade da Igreja Catholica.

O cardeal Vaughan e o dia 20 de setembro

N'um magistral discurso protestativo contra as festas de 20 de setembro, o cardeal Vaughan refere-se aos males causados pelo governo italiano á Egreja e diz que supprimiu 400 casas religiosas onde habitavam 50:000 homens e mulheres, que o governo expulsou sem lhes garantir um bocado de pão quotidiano; 380 conventos de freiras foram reduzidos á mendicidade; o serviço militar foi imposto aos padres até á idade de 40 annos; a religião banida das escólas primarias e das universidades; as propriedades, os rendimentos ecclesiasticos, as fundações de caridade inteiramente absorvidas pelo Estado; os rendimentos do papado confiscados; o Papa reduzido a viver da caridade do mundo catholico, e até seu palacio e alfaias foram declaradas propriedade do Estado; e para cumulo de tantos males o Santo Padre foi impossibilitado pelo mesmo governo de crear bispos titulares sem previo consentimento, que muitas vezes é negado.

O illustre cardeal continua fallando sobre a independencia do Papa e diz que o Romano Pontifice não tem outra posição a tomar senão conservar-se em opposição aberta, como faz actualmente.

Não ha desesperar, prosegue, trinta papas foram martyrisados; a quinta parte dos successores de Pedro ou foram exilados ou encarcerados; mas os papas sempre recobraram sua liberdade.

O cardeal terminou com as palavras de Pio IX: «Em Roma o Papa ha de ser ou soberano ou captivo.»

Conservatorio das Orfãs do Menino Deus em Braga

Chamamos para este collegio a attenção das familias que desejarem dar a suas filhas uma educação brilhante, assim na solidez dos bons principios quanto na habilitação para o desempenho das prendas que se requerem em uma senhora.

Disposições regulamentares para a admissão das porcionistas

Em conformidade com os estatutos d'este Conservatorio a commissão administradora do mesmo estabelecimento resolveu estabelecer uma classe de alumnas *porcionistas*.

A admissão é requerida á commissão administradora do Conservatorio, declarando-se no requerimento o nome, filiação e naturalidade da porcionista, residencia de seus

paes ou das pessoas legalmente encarregadas da sua educação.

O requerimento deve ser instruido com certidão de edade da requerente, a qual não deve ter menos de 6 nem mais de 14 annos, e attestado em que mostre não padecer molestia contagiosa e ter sido vaccinada.

A educação ministrada n'este Conservatorio será accentuadamente pratica, tendo-se em vista habilitar as meninas com as prendas necessarias a uma boa dona de casa, taes como: fazer meia, coser, concertar e talhar roupas brancas e de côr, principalmente para mulher, bordar, fazer renda, engommar, brunir, fazer flores, cosinhar, coser o pão, lavar roupas etc.

Os trabalhos mais pesados ensinam-se sómente com auctorisação ou ordem dos paes ou tutores.

Haverá no Conservatorio aulas de instrucção primaria, portuguez, francez, desenho piano e canto.

O anno escholar começa no principio de outubro e termina em 31 de agosto.

Haverá férias desde a vespera do Natal, inclusivé, até 31 de dezembro: e desde a quarta-feira de Trevas até á quarta-feira de Paschoa.

A pensão é de 7$000 reis pagos ponctualmente, em trimestres adiantados, sob pena de ser logo a menina entregue á sua familia ou a quem a representar.

Se a menina entrar n'um mez que não seja o primeiro do trimestre, a prestação conta-se na razão de 240 reis diarios, até ao principio do trimestre seguinte.

Cada porcionista pagará no acto da entrada por uma só vez a joia de 10$000 reis, e no principio de cada anno 1$500 reis para o partido medico.

No caso de doença pagarão os medicamentos á sua custa; mas, molestia demorada ou contagiosa não póde ser tratada no Conservatorio.

As meninas, que desejarem cursar a aula de francez, pagarão 1$000 reis mensaes e pela aula de musica 2$500 reis tambem mensalmente. Não se pagam mais extraordinarios a não ser que as familias o reclamem.

Os pagamentos são feitos ao thesoureiro respectivo, e não ha direito a reclamação, quando a menina se ausentar do Conservatorio, a não ser por motivo de doença.

O mez principiado, conta-se como completo.

Não residindo em Braga, os paes ou tutores das porcionistas deverão dar um abonador d'esta cidade, que será o seu responsavel para todos os effeitos perante a commissão administradora.

Este abonador será previamente proposto á commissão directora, e, sendo por esta acceite, assignará o requerimento da admissão juntamente com o pae ou tutor da porcionista, bem como o termo da matricula.

Salvo casos extraordinarios e de força maior só é permittido ás meninas o sairem do collegio para goso de férias. As férias de setembro serão descontadas no acto do pagamento do trimestre caso os paes ou tutores hajam declarado antes do dia 15 de junho que as educandas passam o mez de setembro fóra do Conservatorio.

No primeiro domingo de cada mez as meninas podem ser visitadas pelos seus parentes ou pessoas que os representem n'esta cidade.

Em caso de necessidade, poderão ser visitadas extraordinariamente pelas mesmas pessoas, que apresentarão á Superiora do Conservatorio licença escripta do Presidente da Commissão.

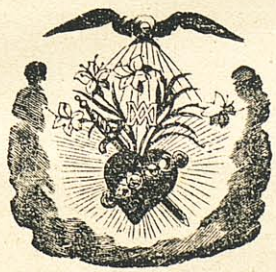
Cada menina, no acto da entrada para o Conservatorio apresentará á Superiora o seguinte enxoval:

Leito de ferro.
Enxergão.
Travesseiro.
3 fronhas.
6 lençoes.
2 cobertores.
2 cobertas segundo o modelo.
3 toalhas de mãos.
6 camisas.
6 saias brancas.
2 saiótes.
8 pares de meias.
3 pares de sapatos.
Escovas, thesoura, etc.

Podem levar mais roupas, porém, todas marcadas com seu numero de ordem no Conservatorio e iniciaes do seu nome.

Emquanto se não estabelece um uniforme, o traje das meninas deve ser sem luxo, mas decente e modesto, segundo as regras proprias de uma casa de educação.

No caso, porém, de não trazerem leito e as roupas proprias para o mesmo, será o uso d'estes objectos fornecido pelo Conservatorio, mediante o pagamento de 2$000 reis feito no principio de cada anno.



Lista dos Senhores assignantes que satisfizeram a importancia das suas assignaturas até ao presente novembro

VALE POR UM RECIBO

108	—	649	—	1178	—	1881	— 2533
257	—	871	—	1183	—	2132	— 2535
297	—	999	—	1301	—	2282	— 2639
300	—	1083	—	1380	—	2311	— —
306	—	1085	—	1601	—	2312	— —
589	—	1102	—	1678	—	2316	— —
644	—	1159	—	1711	—	2380	— —

O THESOUREIRO,

Domingos José de Souza Gomes — **Braga.**

Roga-se aos nossos bondosos correspondentes para remetter os nomes dos assignantes que houverem satisfeito; e aos senhores assignantes em debito o favor de mandar satisfazer a sua assignatura até ao fim do corrente anno.

Editor responsavel: Dr. Antonio Brandão Pereira — Braga.

316 matrimonios; numero avultadissimo, em terras onde o elemento christão está misturado com o gentio.

Bem merecida. — O Em.mo Cardeal Rampolla, secretario de Sua Santidade, Leão XIII, escreveu uma carta ao R. P. Fr. Lourenço Mc-Carthi, pelo grande serviço que prestou á obra das missões, compondo e publicando uma gravura e um diccionario na lingua bemgaleza, para uso dos missionarios que evangelisam o Industão.

Muito a proposito. — Já que se falla dos serviços prestados pelos religiosos á sociedade, ouçamos o que fazem os seus inimigos. *Schwartz* que com sua mulher faziam o officio de Judas, atraiçoando a França, manifestando as resoluções internas, e tudo o que tendia á defeza nacional, é franc-maçon, inimigo fidagal da Egreja e da França. Sempre os mesmos — impios e anti-patriotas.

Fraternidade e egualdade. — São duas palavras que sempre trazem na bocca os franc-mações; não porém no coração nem nas obras. Um facto, entre mil, contado pela *Croix des Alpes Maritimes*. Uma professora official, queria dar uma educação religiosa a um seu filho: e, para a obter, mandou-o para um collegio de religiosos. Os tres pontinhos ordenaram lhe que, ou tirasse seu filho d'onde o puzera, ou deixaria de ser professora official. A heroica e piedosa mãe sacrificou o bem estar á educação religiosa de seu filho. E' o caso do *crê ou morres* do estupido Mahomet.

Os catholicos e o dia 20 de setembro. — As festas anti-catholicas contra o Vigario de Jesus Christo provocaram em todo o mundo catholico um fremito de indignação universal, que produziu a mais sympathica manifestação a favor do S. Padre. Basta dizer que no Vaticano se teem recebido:

3:200 telegrammas;

16:000 impressos, entre opusculos, revistas e jornaes, protestando todos contra as festas dos revolucionarios;

8:000 bilhetes postaes;

2:000 bilhetes de visita;

600 cartas acompanhadas n[illegible] sua maior parte de ofertas valiosas.

Sobem já a centenas os p[illegible] testos que todos os dias chegam ao Vaticano com innum[illegible]cavel quantidade de assignaturas.

Se nos lembrarmos que os [illegible] diccionarios, revistas, opusculos, jornaes, cartas, protestos [illegible] representam na sua maior parte associações numerosissima[illegible]; pois bem, com todo o direito, inferir que o dia 20 de s[illegible]tembro provocou um verdadeiro plebiscito da parte dos c[illegible]tholicos.

Correspondencia economica da Pia União

Tentugal (bispado de Coimb[illegible]ra). — A' snr.ª D. Anna do Carmo Pereira, enviadas 28 c[illegible]pias dos estatutos da Pia União.

Bragança.—Ao Rev.mo Snr. Padre Acacio Valente, enviadas 100 copias, que pediu.

Leiria (bispado de Coimbra). — A Snr.ª D. Emelinda de Jesus Philomena de Macedo [illegible]as 71 copias, sendo tudo enviado como pediu.

Guimarães (Braga).—Ao Ex.mo Snr. manoel Joaquim de Oliveira Bastos, 1:000 copias.

Varatojo (Lisboa). — A' Snr.ª D. Rita d'Assumpção Sobreiro, 200 copias.

Porto. — Foi executado tud[illegible] o que pedia o Ex.mo Snr. Conego Illidio.

Manteigas. — Chegou ao seu destino o vale do correio, enviado pelo Rev.mo Snr. Padre José Rabaça de Carvalho, sendo-lhe enviadas as 150 copias dos estatutos, como pedia.

Lisboa. — Recebemos todos os nomes que envion o Rev.mo Snr. Padre Antonio Rodrigues Soares e quanto á duvida que propõe relativa a irmãos defunctos, consultamos para Roma.

Azurara. — Foram inscrip[illegible]os os nomes enviados pela Snr.ª D. Maria da Conceição e S[illegible]va, e expedidos os estatutos.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO DE S. ANTONIO EM PORTUGAL

Assignatura — 1$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes acresce o importe do correio.

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev. Padre director da *Voz de S. Antonio*, Collegio de S. Boaventura — Braga.

Advertencia. — Pedimos a todos os amigos de S. Antonio e da sua *Voz*, que, para evitar trabalhos e confusões, tudo o que se refira à redacção da revista o dirijam ao *Padre Director da Voz de S. Antonio, Montariol, Braga*, e tudo o que diz respeito á Pia União, se dirija ao *Padre Director da Pia União — Montariol, Braga*.

Estatutos da Pia União. — Nova edição, contendo, além dos estatutos e das muitas indulgencias e graças concedidas aos associados, outras devoções em honra de S. Antonio. Custa cada copia 10 réis.

BIBLIOTHECA CATHOLICA DE ANTONIO DOURADO

OBRAS PUBLICADAS

Biblia Popular Illustrada. — Velho e Novo Testamento, brochado..... 3$000

Anno Christão. — 5 volumes, brochados 10$000

Exercicios de Perfeição e Virtudes Christãs, pelo rev. Affonso Rodrigues, 3 volumes.. 3$000

Esplendores da Fé. — 1.º volume..... 1$300
» — 2.º » ..... 2$800
» — 3.º » ..... 2$500
» — 4.º » ..... 2$200

Assassinatos Maçonicos, por Leo Taxil, 1 volume..... 1$000

Admiradores da Lua, por Leo Taxil, 1 vol. 1$000

Morte aos Jesuitas. Opusculo..... 200

Mysterios da Franc-Maçonaria. 2 volumes brochados, 4$000. Encad. em percaline.... 5$500

Methodo para formar a infancia na piedade, um folheto..... 50

Testemunho da Fé, por D. Maria de Castro Menezes..... 300

Tratado da verdadeira devoção á Santa Virgem 200

A sciencia do crucifixo, em fórma de meditações, dividida em duas partes pelo Padre Pedro Maria da Companhia de Jesus.... 200

NO PRÉLO

O Jovem apologista da religião. Resposta ás objecções mais espalhadas.

Pedidos a ANTONIO DOURADO, editor catholico, rua dos Martyres da Liberdade, 165 — PORTO.

Porto—Typ. de Arthur José de Sousa & Irmão.